A MULHER NO SÉCULO XX

PLÍNIO SALGADO

FOLHINHA POPULISTA

A "Editorial Guanumby" acaba de lançar artística folhinha de bolso. A preferida folhinha, que contém sugestiva alegoria referente ao populismo, é apresentada em magnífica policromia, em quatro faces.

Esta folhinha tem a particularidade de servir para 4 anos, abrangendo o período de 1948 a 1952, pois é dotada de interessante mecanismo em cartão, que facilita a consulta sôbre qualquer dia situado no mesmo período.

Tratando-se de tiragem limitada, é preciso que todos façam imediatamente seus pedidos.

Preço do cento	Cr$ 200,00
Preço avulso	Cr$ 2,00

Sòmente aceitamos pedidos mínimos de 10 folhinhas. Concedemos 30 por cento do desconto aos revendedores e aos diretórios do "Partido de Representação Popular".

Vendas ùnicamente pelo Serviço de Reembolso Postal.

POSTAL POPULISTA

Propague o ideal que abraçou ! Use em sua correspondência o

POSTA POPULISTA

Artístico cartão em 4 cores com significativa alegoria.

Mande-o aos amigos e parentes.

Preço : Cr$ 1,00 cada.

Aceitamos encomendas mínimas de 50 postais pelo reembolso postal.

30% de desconto aos revendedores e aos diretórios do Partido de Representação Popular.

HINO DA MOCIDADE POPULISTA !

Acaba de sair em primorosa policromia a partitura musical, acompanhada da respectiva letra, do hino "ERGUE-TE MOCIDADE", oficializado no Conclave do Estudante Populista do Distrito Federal como Hino da Mocidade Populista.

Letra de **Plínio Salgado** — Música de **João Sepe.**

Preço da bela policromia : Cr$ 10,00 — Desconto de 30% nos pedidos de 10 ou mais exemplares.

A MULHER
NO
SÉCULO XX

COLEÇÃO

ORTODOXIA

1.ª *edição no Brasil*

1949

PLÍNIO SALGADO

A MULHER NO SÉCULO XX

3 desenhos de

CARLOS CARNEIRO

1949

Primeira Edição: 1946

Segunda Edição (portuguesa): 1947

Terceira Edição (a presente): 1949

EDITORIAL

Rua Riachuelo, 201 - 3.º andar - conjunto 3-B
Tel. 3-2373 — SÃO PAULO

★

Representantes:

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA
Rua Buenos Aires, 100 - 5.º andar - sala 52 - Tel. 43-7044
RIO DE JANEIRO

★

PROF. JOSÉ RODRIGUES E SILVA
Avenida Dr. João Pessôa, s/n.º
PARNAÍBA (Piauí)

O AUTOR ÀS LEITORAS

E**STA** *é uma das conferências que realizei em Portugal. Atendendo aos numerosos pedidos que me são feitos por diversas instituições — sejam os órgãos de Acção Católica, sejam as obras de beneficência ou caridade, — os meus trabalhos ressentem-se do acumulo dos compromissos e da pressão inexorável do tempo de que disponho. Advém daí a técnica de que me sirvo: resumir, nas suas linhas mestres, os temas preferidos.*

Nem o exíguo limite de uma ou duas horas na tribuna, nem a escassez dos dias para tantas e tão variadas solicitações per-

mitem aprofundar as matérias propostas nesses discursos, como fora meu desejo. Consola-me a esperança de que, talvez, seja assim melhor, porque os assuntos resumidos prendem mais as atenções e o texto por abreviado torna-se mais incisivo. Desta sorte, as circunstâncias que, à primeira vista, parecem conspirar contra o escritor, passam a colaborar com ele no esforço de transmitir o máximo no mínimo.

A minha intenção, de resto, é propagar, em cada uma dessas oportunidades que se me oferecem, algumas ideias, bem antigas e sempre novas, sobre verdades que, por

muito evidentes, passam desapercebidas daqueles a quem mais importam. De facto, os temas variam de conferência a conferência, mas o pensamento central é sempre o mesmo, isto é, aquele que expendi na Vida de Jesus *cujas centenas de páginas podemos sintetizar dizendo que o Cristo é o único solucionador de todos os problemas humanos.*

Tal pensamento aí se encontra em A Mulher no Século XX.

Este livro é dedicado às mães, esposas, noivas, irmãs, da Nação Portuguesa e da Pátria Brasileira. Escrevi-o como filho, es-

poso, pai e irmão. Escrevi-o como homem do meu tempo e o mais ínfimo dos discípulos d'Aquele que é o maior dos Mestres.

A Ele peço que sugira às minhas leitoras, à proporção que avancem nesta leitura, aquelas meditações e ensinamentos que, muito mais do que as palavras humanas, prodigaliza a luz da Graça.

Lisboa, 13 de Abril de 1946.

PLÍNIO SALGADO

I

PERGUNTA DO SÉCULO XIX

Em 1887, um talentoso jovem brasileiro, escreveu desenvolvido trabalho que intitulou *A Mulher e a Sociogenia*. Chamava-se o escritor Tito Lívio de Castro e o seu espírito formara-se à influência das doutrinas que dominavam no meu país ([1]), ao anoitecer do século XIX e dealbar do século XX: as do positivismo francês e inglês e as de origem anglo-germânica, em que se fundiam o objectivismo materialista e o subjectivismo idealista.

Os erros históricos e as deduções ilógicas de que está inçado o volume do jovem cientista, devem correr à conta dos precon-

ceitos da época, da superstição experimentalista, que pretendeu abranger com os seus métodos de investigação, certamente correctos se adequados ao objecto proposto, todos os transcendentes assuntos que, pela sua natureza e qualidade, escapam às pesquisas de laboratório. Erros do tempo, eles não constituem o principal na obra de Lívio de Castro. O principal é o anseio do autor em face do gravíssimo problema e o bom senso de algumas de suas conclusões, tão flagrantemente contraditórias com o seu anti-cristianismo.

Começarei pela própria biografia do malogrado pensador, porque ela nos mostra o que lhe faltou para lhe dar equilíbrio, paz subjectiva, isenção e serenidade. Faltou-lhe o que de mais precioso pode haver para um homem: ele não teve mãe. Foi talvez por isso, foi certamente por isso que a sua preocupação máxima revelou-se no seu livro principal, que se resume nesta

pergunta: qual será o papel da mulher no século xx?

Conta Sílvio Romero que, em certa manhã de 1864, ao abrir a porta de sua residência, na capital do Brasil, o comerciante português, Manuel da Costa Pais, encontrou uma criancinha ali enjeitada. Acolheu-a carinhosamente e, por ser solteiro, deu-a a criar à sua custa, a uma senhora de sua amizade. Tomando entranhado afecto à criança, a quem baptizara com o nome de Tito Lívio, acrescentando-lhe o sobrenome de Castro em homenagem à digna matrona que o acolhera, o sr. Pais, logo que o menino atingiu quatro anos de idade, avocou-o completamente a si. Depois de lhe ensinar, ele próprio, as primeiras letras, matriculou-o no Liceu Comercial. Dali passou-se Tito Lívio ao Colégio Pedro II, onde se bacharelou em letras, ingressando na Faculdade de Medicina, da

qual saiu médico em 1889, vindo a falecer no ano seguinte. O pai adoptivo facultara ao rapaz magnífica biblioteca, assim como gabinetes e laboratórios pessoais que se tornaram centros de pesquisa a alguns estudantes, cujos nomes iriam mais tarde gozar de justo prestígio no Brasil. O jovem produzia sem cessar, uma obra variada e valiosa, mas aquela em que pôs maior empenho foi exactamente a que se prendia à dolorosa lacuna da sua alma de homem sem mãe. Essa falha na sua vida determinou o aparecimento de um livro, único, no gênero, que se publicou no Brasil.

Era um livro materialista. Um livro triste e inquieto. Triste, porque dava um balanço científico, estatístico, mostrando a inferioridade mental da mulher na sociedade do século XIX. Inquieto, porque dirigia angustiada pergunta ao século XX indagando, em face do avanço do progresso

técnico e do desenvolvimento das indústrias, e consequentes alterações dos costumes na Era da Máquina, que se avizinhava, qual seria o papel da mulher, se continuasse a manter um nível de inferioridade intelectual ao lado do homem.

A essa pergunta, erguida em 1887, devemos responder hoje, após sessenta anos de constante e vertiginosa transformação social.

II

A ESFINGE--MULHER

Uma das características do século xx foi a unilateralidade que revelaram seus pensadores, sociólogos e filósofos, quando deduziram de observações particulares as grandes conclusões gerais que julgaram constituir a chave de todos os problemas. Cada ciência, e mesmo cada ramo especializado da ciência, pretendia ser a pedra angular de uma doutrina, a fonte inspiradora da crítica histórica, da política social ou da orientação pedagógica.

Século eminentemente analítico, ofereceu-nos entretanto, e por isso mesmo, os

elementos necessários às grandes sínteses que hoje realizamos relacionando os conhecimentos particulares obtidos em cada campo de investigação, de sorte a concebermos, com a unidade das leis que regem o Universo, a própria unidade do Universo.

Foi depois das suas pesquisas que pudemos ter, objectivamente, uma ideia mais simples e mais exacta da complexidade aparente da Criação. Chegamos à simplicidade pela complexidade. Pudemos, dessa forma, actualizar o pensamento aristotélico e compreender toda a verdade da filosofia de S. Tomás, que antes parecia inaceitável. Essa nova concepção do mundo e dos fenómenos levou-nos a atitudes prudentes e precavidas, evitando as fáceis generalizações que os filósofos e os sociólogos, desde o naturalismo do século XVIII, cujas raizes vinham da Renascença, deduziam das experiências adstritas a determinados ramos de especializações científicas.

Os modernos conceitos da matéria e da energia, as ideias-sínteses que hoje possuimos do fenómeno vital e do que podemos chamar a arquitetura dos seres organizados, oferecem à nossa compreensão um universo mais simples: porém exactamente por isto, não podemos explicá-lo, nem explicar qualquer das suas expressões, pelo critério interpretativo de uma conclusão experimental isolado. E, assim, como chegamos à simplicidade pela complexidade, também é certo que a simplicidade leva-nos à complexidade.

Era natural e perdoável que o século XIX não pensasse como hoje pensamos. No que se refere ao Homem, aquele século apresentou-nos, em cada ramo da ciência, uma imagem diferente do Príncipe da Criação. Eram imagens incompletas, como observou Carrel, e nenhuma delas podia oferecer-nos a ideia exacta do misterioso ser, cujas

aspirações ultrapassam os limites de si próprio.

Ora, se assim se fez em relação ao Homem, tomado o termo como designativo da Espécie, também não se procedeu de outra forma em relação a essa outra expressão particularizada do Género Humano, a essa face enigmática da Humanidade, que se chama — a Mulher.

Muito se escreveu sobre a mulher e sobre ela muito se fantasiou. Aos devaneios dos poetas e prosadores das duas metades do século — os aedos e os romancistas até 1850 pintando as filhas de Eva como anjos de candura ou demónios cruéis, e os parnasianos e realistas até 1900, cantando a beleza corpórea das deusas humanizadas ou esmiuçando-lhes as almas em análises profundas — juntaram-se as divagações dos filósofos e sociólogos, baseados nas mais variadas e contraditórias conclusões do experimentalismo científico. Entre-

tanto, nem os poderosos analistas — entre os quais colocaremos Balzac, inexcedível conhecedor da alma feminina, que ele surpreendeu numa série notabilíssima de tipos expressivos — nem os filósofos, que a si próprios se chamaram utilitaristas, lograram chegar a uma conclusão segura sobre a mulher.

Perdidos os fundamentos espiritualistas e cristãos da vida humana, tornou-se impossível compreender a alma feminina e o papel que pertence à mulher na família, na sociedade e na Nação. À medida que o progresso avançava e que a técnica ia transformando velozmente os processos da vida colectiva, o problema da mulher mais se complicava e a Espécie Humana apresentava-se como a única a ignorar quais as diferenciações dos actos definidores do destino social dos seus dois componentes.

Determinar a natureza, a qualidade, a

direcção, os limites dos actos inerentes a cada sexo e dessa determinação deduzir claras normas de direitos e deveres, eis a extrema dificuldade dos pensadores materialistas. Houve mesmo instantes de confusão e desânimo, ao ponto de John Mill escrever que o melhor dos alvitres seria deixar à própria mulher que resolvesse o seu problema, lançando-se em experiências, ao fim das quais chegaria a alguma conclusão sobre o seu papel e o seu destino. Para os utilitários, portanto, a tese é a do desânimo. Com ela, Mill passa um atestado de incompetência aos homens, de incapacidade a todo o Género Humano para traçar as normas do seu destino. A mulher faz-se a cobaia de si própria; deve ir às cegas, para um futuro incerto. Ao mesmo tempo, separa o problema da mulher do problema do homem, como se ambos vivessem vidas independentes. A questão deixa de ser um

tema de interesse geral da Espécie para ser um assunto particular feminino em nada relacionado com a vida do homem. Segue-se que a mulher também não deve preocupar-se com o que faz o homem. A Humanidade deixa de ser uma, para ser duas. E aí está uma amostra do pensamento confuso dos filósofos do século XIX.

Depois, entretanto, de todas as elocubrações dos sociólogos e das numerosas conclusões unilaterais dos analistas do experimentalismo científico sobre o problema da mulher, podemos hoje chegar a fórmula mais simples e exacta da sua solução. Guiados pela própria ciência, atingimos aquela fórmula. Surpreende-nos, então, verificar, que regressamos ao ponto de partida: a moral religiosa. Dela a Humanidade havia-se afastado. A ela regressa através das próprias deduções da ciência.

Mas, não antecipemos.

III

A MULHER É MEDIDA, PESADA E COMPARADA

A CIÊNCIA do século XIX (talvez para confirmar as palavras da Bíblia quando Deus diz à serpente: "porei inimizade entre ti e a mulher") em nada foi amável com a tão discutida companheira do homem.

Ao iniciar o seu livro, o escritor de *A Mulher e a Sociogenia* transcreve as palavras de Wood que dizem: "seja graciosa ou não seja, a verdade é a melhor coisa que podemos ouvir"; e, partindo de tal legenda, começa a descarregar os rudes golpes da suposta verdade sobre o sexo feminino.

Depois de demonstrar, citando Darwin, Hartmann e Taine, que todos os fenómenos psíquicos se prendem à estrutura cerebral, reproduz as observações comparativas de Manouverier, Topinard, Huscke e Broca, a provar que o cérebro feminino pesa menos que o masculino. Invoca Perchappe e o quadro comparativo de Quetelet, para evidenciar que essa desproporção não corresponde à proporcionalidade da estatura. Entra no estudo da crâniometria e da morfologia cerebral e apela para a autoridade de Huscke e de Welcker, os quais afirmam ter a mulher menos desenvolvidos do que o homem, os lóbulos frontais, onde a anatomia comparada e a fisiologia localizam as funções psíquicas. A fim de que se não julgue serem essas características de suposta inferioridade um corolário da diferenciação sexual, o escritor antepõe às conclusões de Vogt, Topinard e Wyman, o estudo de certas espécies zoológicas em

que a evolução se processa em termos de igualdade. E conclui que a mulher, através de séculos, atrofiou o cérebro com vantagem para o sistema medular, o que a aproxima das crianças e das raças primitivas.

Para que não reste nenhum vislumbre de superioridade da mulher sobre o homem, sob qualquer aspecto da vida psíquica, o jovem escritor combate a afirmativa de Claude Bernard, quando diz que a mulher é mais sensível, isto é, tem o coração mais terno do que o homem. Assim, recorre à fisiologia, à psico-fisiologia, demonstrando que o centro das sensações e das emoções é o cérebro e que o coração apenas recebe os impulsos das vibrações cerebrais, e proclama: "A mulher tem menos desenvolvido o poder de dominar-se, mas não tem mais desenvolvido o poder de sentir. No homem uma vida afanosa, acidentada, cheia de

abalos, de lutas, de paixões, tornou necessária, para a conservação do próprio organismo, uma espécie de análise inconsciente cerebral, que neutraliza o efeito das impressões comuns sobre o todo orgânico, por intermédio do cérebro".

IV

ABRAMOS UM PARÊNTESIS

Essas palavras exigem uma interrupção do discurso expositivo em que resumo a tese do escritor. O cientista que critica Claude Bernard quando este afirma ser a mulher mais sensível, mais coração do que o homem, deixa transparecer qualquer coisa que vai além da simples investigação experimental.

É o filho sem mãe, o enjeitado, que foi acolhido por um homem e para este reivindica, em relação à mulher, iguais direitos e poderes do coração. O jovem, que foi a criança abandonada, traz sempre presente, no seu espírito, o tema que o deveria ter

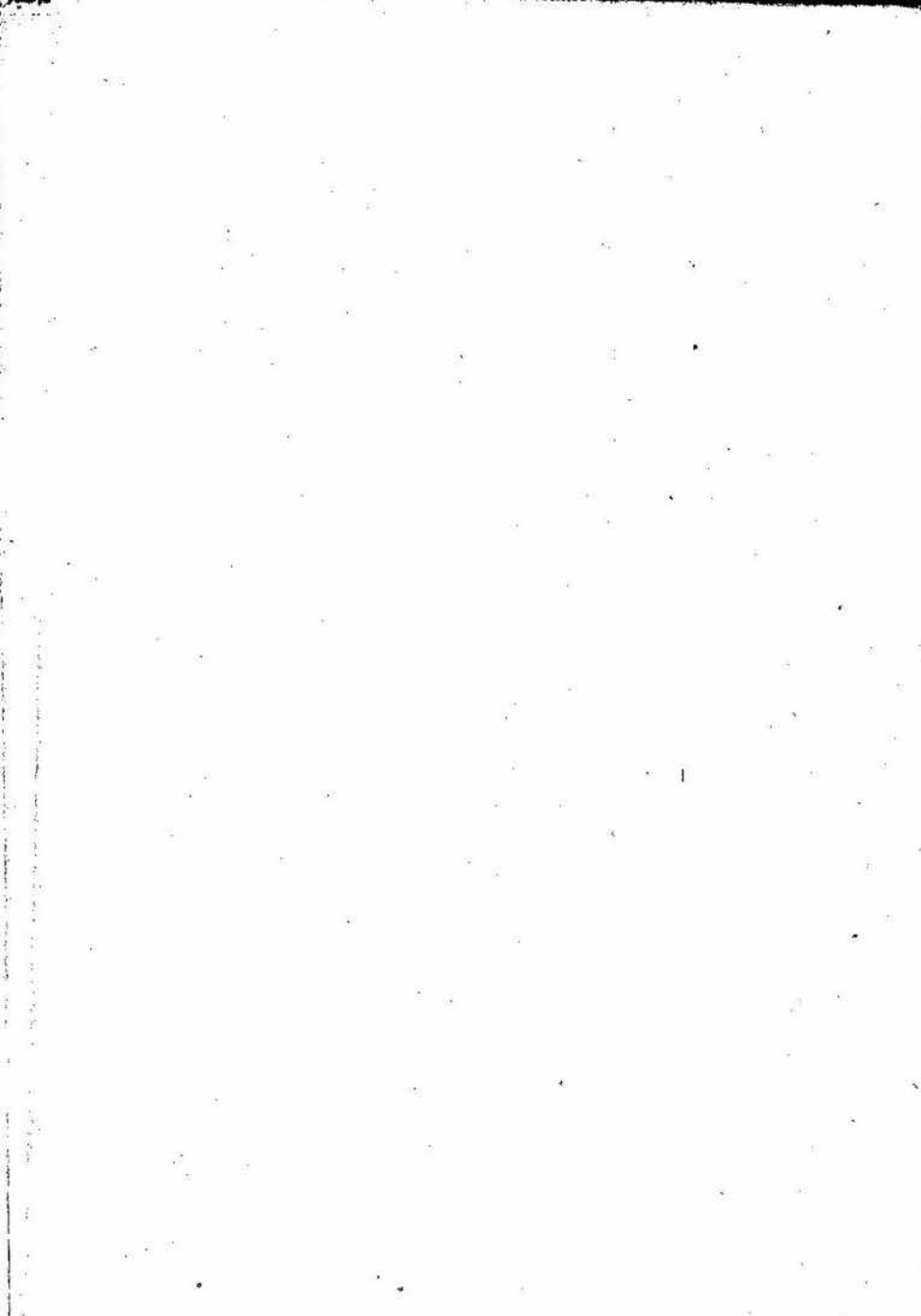
impressionado desde o verdor da infância: a capacidade de pensar e de sentir, no homem e na mulher, e, consequentemente, o destino da mulher, num século que se avizinhava cheio de brutalidades e tumultos, pois o destino das criaturas depende, na maior parte, do seu pensamento e do seu sentimento.

De certo que o orfão pensava em sua mãe desconhecida, vítima talvez de uma situação social, injusta, vítima de um sistema de educação da mulher. Quem seria ela? Por onde andaria?

Na impossibilidade de responder, via, na imagem da mãe desconhecida, a própria imagem de todas as mulheres. O problema se lhe propunha angustioso e terrível. Para resolvê-lo usou do meio de que dispôs: a ciência.

Apenas a ciência. O seu bom protector, também homem do século materialista, não

soubera dar-lhe outro recurso para as inquietações morais.

Em última análise, os investigadores (por mais desinteressada e fria que pareça a pesquisa científica) agem movidos por misteriosos impulsos, cujas raizes vão a mais secretas origens do que pode supor a crítica positiva.

V

A MULHER E A CIVILIZAÇÃO NATURALISTA

Entre as observações dos estudiosos nos fins do século passado e começo deste, está a de que a civilização (ou isso o que temos chamado civilização), não constitui um factor de engrandecimento das características de volume, peso e morfologia do cérebro feminino. Verificou-se, pelo contrário, que entre todas as mulheres da terra, a que acusava os mais reduzidos volume e peso do crânio e do cérebro em relação ao homem, era a mulher parisiense, que correspondia ao tipo do mais alto refinamento social, até aos fins da primeira Grande Guerra ([2]).

Os estudiosos vêem, nesse facto, a consequência da redução do trabalho cerebral da mulher na razão directa do aumento das futilidades mundanas, isto é, tudo isso que chamamos "moda", "exibicionismo", preocupação exclusiva da indumentária, de "bijulatria", de etiquetas e elegâncias excessivas. A mulher, quanto mais civilizada, — dizem os técnicos do transformismo darwiniano — mais tende a viver tão sòmente em função de sua feminilidade física, dando férias à cabeça em tudo o que se não relacione com a condição única a que subordina o ritmo de sua existência.

O que tais cientistas não dizem é que essa civilização, por eles considerada como atrofiadora das faculdades superiores na mulher, nada tem de comum com a civilização cristã, pois o cristianismo produziu, em todos os tempos, figuras admiráveis de grandes mulheres, notáveis pelo intelecto,

pela capacidade de trabalho e de acção e até mesmo pela actividade, de todas a mais difícil, que é a ciência e a arte de governar comunidades e povos.

Influenciado pelo positivismo evolucionista, o autor de *A Mulher e a Sociogenia* vai nas águas daqueles que, ainda hoje, pretendem construir o mundo sobre a base da moral científica, e esquece-se de que foi justamente essa moral preconizada pelos empíricos e cujos elos se prendem desde os utilitários da escola inglesa ao associacionismo de Stuart Mill, para culminar finalmente em Herbert Spencer e nos pensadores alemães inspirados em Haeckel e Darwin, foi essa moral que produziu o tipo corrente da mulher do século XIX, afastado cada vez mais da linha directiva do cristianismo.

Para que se não diga, entretanto, que nos opomos à ciência do século, preten-

dendo resolver apenas do ponto de vista religioso um problema que os chamados espiritos de vanguarda encaram exclusivamente sob o prisma da biologia e da fisiologia, tomemos como companheiro de jornada o autor de *A Mulher e a Sociogenia,* pois as conclusões práticas a que ele chegou, no tocante á inferioridade social em que se colocara a mulher no limiar da Era da Máquina, são as mesmas a que chega a crítica do cristianismo. Também são as mesmas as deduções a que somos levados de que a mulher tem uma grande missão educativa, intelectual e moral, directamente relacionada com a sua própria feminilidade.

As nossas divergências com os pensadores materialistas — sejam os evolucionistas spencereanos, sejam os conciliadores do idealismo com o transformismo, entre os quais incluímos hoje os adeptos da doutrina

marxista — não estão no terreno puramente científico, mas o terreno filosófico, o qual envolve a crítica histórica e o conceito da origem e da finalidade humanas.

A ciência experimental pode chegar a hipóteses que dizem respeito às consequências involutivas ou evolutivas decorrentes do maior ou menor funcionamento de determinados órgãos; pode a respeito deste oferecer-nos dados seguros do ponto de vista físico; o que não pode é falsear a história para procurar as causas que mais convém aos preconceitos de escola, e o que não pode ainda, e acima de tudo, é ditar leis num campo que transcende as possibilidades da investigação científica ([3]).

Posta de lado a comparação entre os cérebros masculino e feminino por ser assunto que comporta larga discussões num século, como o nosso, que considera o ser como uma síntese de múltiplos facto-

res, e não apenas o resultado de um deles, temos de convir, entretanto, com os sociólogos experimentalistas, em que a posição da mulher desde o início da Era Industrial é de manifesta inferioridade em relação ao homem.

Ela não está preparada para enfrentar os dias difíceis de uma adaptação a novas condição de existência criadas pelo progresso acelerado das transformações técnicas; ela não se encontra armada para defender os seus direitos em face das brutalidades de uma época em que é posta em cheque a própria dignidade da pessoa humana.

Aceito esse terreno comum, temos de divergir agora dos materialistas não só quanto às causas em que vão buscar as origens dessa posição desvantajosa da mulher, mas principalmente em tudo quanto se refere à verdadeira finalidade do gênero humano sobre a terra.

VI

FALSOS ARGUMENTOS DOS CRÍTICOS MATERIALISTAS

É CURIOSO notar que a crítica hoje desenvolvida pelos materialistas do nosso tempo, a respeito da mulher, é a mesmíssima adoptada pelos materialistas do século XIX.

Partem estes, como aqueles, do estudo da vida e dos costumes do troglodita e das sociedades rudimentares e descarregam toda a culpa da inferioridade social da mulher sobre as instituições religiõsas. Condenam a família como o ponto inicial da involução feminina e afirmam ter a sociedade precedido a família, não passando esta de mero instrumento de escravização, posterior à comunidade social. Pintam a

família cristã como cristalização de violências milenares, que constrangem a mulher a uma situação subalterna e descrevem a Idade-Média como um período de obscurantismo que relegou definitivamente a companheira do homem ao mais completo alheamento de tudo o que não concerne aos limites fechados do lar. Acusam o cristianismo, e especialmente o princípio católico da indissolubilidade do vínculo conjugal, como manutenção dos prejuízos inerentes ao patriarcalismo das sociedades teocráticas. São argumentos que não podem subsistir a uma apreciação sensata e aos mais recentes progressos científicos.

Os estudos modernos dos clans primitivos demonstram que os tabús, ou divindades zoomórficas das comunidades tribais foram, primeiro, meros totens de núcleos familiares, o que demonstra a existência da família antes da tribo: por conseguinte a

família não foi inventada como meio de escravização, mas apareceu como decorrência natural da expansão da personalidade humana ([4]). Decaído à extrema degradação em consequência do pecado original, o homem vai galgando os degraus da reabilitação que atingirá a plenitude em Cristo, principiando pela ideia da divindade e pela realidade da família.

Quanto ao cristianismo, ele veio acrescentar ao sentido meramente afectivo, que unia os pais e a prole, o alto sentido de uma suprema finalidade em Deus, o que dignificou o homem e a mulher, corrigindo os erros que na sociedade pagã levaram muitas vezes à degradação dos cônjuges e especialmente da esposa.

VII

DA IDADE-MÉDIA À RENASCENÇA

As acusações à Idade-Média são hoje correntes apenas entre os ignorantes ([5]). Nesse período de árdua e difícil cristianização dos povos no vasto panorama feudal em que se esfacelou a antiga ordem romana, a mulher foi, cada vez mais, dignificada, não sòmente na homenagem dos cavaleiros e nas gestas dos trovadores — como costuma dizer a crítica materialista — mas no governo dos filhos e na influência sobre os esposos, que elas inspiravam, aconselhavam e convertiam, tomando com eles parte real nas decisões dos assuntos mais importantes.

Continuando o papel de mulheres como Santa Helena, que converte o Imperador seu filho e transforma, no III século, toda a face política do Império; ou de Santa Mónica, que conduz Agostinho da filosofia de Plotino e das seduções do maniqueismo ao pé de Ambrósio, de quem recebe o baptismo; ou de Clotilde, conversora do esposo, o rei Clovis, e fundadora com ele do reino dos Francos, — as mulheres cristãs, através dos mil anos da Idade-Média, sem chegar aos exageros de uma inversão de papéis, influiram, actuaram, realizaram obras excelsas junto dos homens, jamais conhecendo a ociosidade brilhante das bonecas e *bibelots* produzidas pela civilização materialista.

As grandes mulheres do período da Renascença não poderiam ter existido se antes delas não houvesse uma sociedade como a da Idade-Média, em que a mulher,

de forma alguma foi apenas um instrumento de prazer ou um objecto de escravidão. Assim, as figuras de uma Isabel, a católica, de uma Teresa de Avila, e até mesmo, feitas as restrições aos seus erros, o génio político de uma Isabel de Inglaterra, não eram mais do que o prolongamento de uma longa série de mulheres notabilíssimas, como Catarina de Siena, Joana D'Arc e — buscando exemplos entre nós — a preclara Filipa de Lencastre, ou a gloriosa rainha Santa Isabel, cuja acção política solucionando graves conflitos, e cuja acção social no campo da assistência pública foram tão brilhantes quanto as suas virtudes santificadoras.

E como não havia de ser assim, se a religião cristã parte de uma mulher considerada como fundamento terreno do mistério da Redenção? Mas tudo isso ignora a falsa ciência quando, gritando em prol da

emancipação da mulher combate o único meio de sua elevação, de sua libertação e sua glória, pretendendo submetê-la à moral materialista, aquela justamente que atrofia as dificuldades superiores do ser humano, proclamando a lei do instinto que é o caminho de toda a miséria e rebaixamento da sociedade em nossos dias.

VIII

A CIÊNCIA DO BEM E DO MAL

Os fanáticos materialistas acreditam que o cristianismo contraria a expansão natural do ser humano, no sentido da realização da felicidade na terra, quando é exactamente o contrário que se dá. Eles julgam que as regras morais são instrumento de morte, quando elas constituem todo o segredo da vida.

O ponto fraco do materialismo está em pretender que, a cada nova conquista no campo da investigação e a cada nova hipótese a substituir velhas hipóteses, devem corresponder outros tantos tipos de moralidade. Rejeitando a Revelação Divina, o

homem, cheio de orgulho, crê nas palavras da serpente: "comei o fruto, porque não morrereis, porém sereis semelhantes a Deus, conhecedores da ciência do Bem e do Mal".

Que é a ciência do Bem e do Mal? É a ciência da moralidade. É a parte que Deus reservou para si, porque se prende directamente ao sentido da criação absoluta, uma vez que envolve as eternas questões do "porque", do "para que" e do "para onde", as quais são prerrogativas d'Aquele que não foi criado e traz em si o segredo maravilhoso da origem e da finalidade.

Outorgando ao homem a inteligência e o livre arbítrio, deu-lhe Deus, até certos limites, o poder de criar sobre as coisas criadas, pois escolher livremente é revelar formas ocultas e desconhecidas da criação. É arrancar de um bloco de pedra, entre biliões de linhas configurativas que nele existem, a imagem de um homem ou de um

animal, de um anjo ou de um monstro. Todas as formas dormem no rochedo; por isso, Leonardo de Vinci, a quem entregaram em Florença o mais belo e maior pedaço de mármore, esteve um ano indeciso a pensar: "posso fazer desta pedra qualquer coisa que eu queira, pois moram nela todas as imagens do meu pensamento"; mas um dia devolveu o bloco, porque não quis sacrificar todo o universo de formas e de ritmos que nele residiam, pela libertação de uma única expressão de beleza.

Optar, é, pois, criar, mas criar de modo relativo, porque a criação absoluta pertence a Deus. E tudo o que está directamente vinculado ao poder da criação absoluta, não pertence ao homem, porém a Deus. Ao homem, o cinzel, mas a Deus o bloco de mármore, e as imagens todas que moram nele, e as imagens todas que moram no pensamento do homem.

Assim, a ciência pode investigar, e descobrir, e inventar, numa palavra criar até aos limites dos domínios do homem, porém nada pode criar nos domínios de Deus. Nesses domínios, a nossa participação será, nunca pelo nosso próprio poder, mas pelo mistério da Revolução e munificiência da Graça.

Por conseguinte, as regras morais não podem sair de um gabinete de experiências, porque a sua fonte há-de ser, por todo o sempre, o altar de Deus.

A ciência do homem descobre as leis do átomo e na sua arquitectura surpreende as fórmula matemáticas em que a energia se revela na expressão da matéria; porém jamais poderá criar a própria energia, porque o homem opera sobre o que existe, não podendo ele próprio engendrar nada de novo, tirar qualquer coisa do inexistente [6].

E assim como a criação absoluta nos domínios da matéria e da energia pertence a Deus, do mesmo modo tudo aquilo que estiver vinculado às causas e destinos das coisas criadas, desde o princípio, deve ser recebido pelo homem como Deus determinou que fosse, e não como o homem pense que "deva ser", no afã de subordinar aos conhecimentos da sua ciência limitada e ao poder da sua criação relativa, o conhecimento total e o poder absoluto do supremo Criador.

Ora, as regras morais prendem-se às razões se aos fins de Deus quando fez o mundo, suscitou a vida e animou com seu sopro a imortalidade do homem. Só Deus sabe o "porque", o "para que" e o "para onde", mistério que os biólogos, antropólogos, fisiólogos, psicólogos e sociólogos jamais poderão desvendar com a sua técnica, mas cuja luz o mais humilde dos cam-

poneses poderá receber, pela dádiva incomparável da doutrina revelada.

Essa doutrina revelada não contradiz a ciência dos homens, quando colocada esteja esta nos seus justos limites e nem poderia contradizê-la, já que a ciência dos homens é abrangida pela ciência de Deus. O grande equívoco reside em julgarem certos cientistas que as suas conclusões — que eles próprios consideram passíveis de rectificações e até de abrogações, — devam servir de base a um conceito moral constantemente mudável, ao ponto de afirmarem muitos que o que foi crime em certos séculos pode ser virtude em outros, e o que foi virtude pode passar a ser crime, critério que faz da moralidade um conjunto de regras variáveis subordinado aos impositivos transmutadores da História e da Geografia.

Sob este ponto de vista, somos nós os católicos, mais positivos do que os chama-

dos positivistas, pois não misturamos o físico com o metafísico e não submetemos as regras da conduta à provisoriedade das hipóteses.

Adaptando-nos sempre às novas condições criadas pelo progresso técnico, jamais alteramos o que há de fundamental nas regras das acções ditadas por princípios imutáveis. E assim, quando os materialistas deduzem, de suas observações, certas conclusões que coincidem com os preceitos da moral cristã, não fazem mais do que confirmar, no campo da experiência, a sabedoria divina que nos orienta.

IX

INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO

No que se refere ao problema da mulher, a verificação dessa verdade é fragrante. Os críticos materialistas encontram a mulher em situação desfavorável em nosso século. Nós católicos, vamos mais longe, porque julgamos tal situação além de desfavorável, perigosa e ameaçadora da pior das degradações.

A mulher perde, dia a dia, na civilização burguesa e sem Deus, todos os fundamentos da sua eficiência mental e da sua grandeza moral. Os cientistas do século XIX reclamavam uma instrução maior para a mulher, a fim de que ela não atrofiasse o

cérebro e não perdesse, através da hereditariedade, as faculdades psíquicas superiores. Este nosso século procura dar instrução à mulher, fazê-la literata, cientista, doutora, o que, afinal, é muito bom, quando consulta vocações legítimas. Mas essa ilustração vai sendo, cada vez mais, como uma carta sem endereço, porque a instrução sem a educação não leva finalidade, e o nosso século, que confundiu o significado de todas as palavras, denomina "educação" o que não passa de armazenamento de conhecimentos.

Vivemos num século ilustrado, mas não vivemos num século culto. A cultura decorre de uma concepção de vida, de uma finalidade pessoal, social, nacional e humana. E a sociedade burguesa em que vivemos não quer saber de onde vem nem para onde vai, mergulhando no mais sombrio utilitarismo e subordinando o destino do homem, da sociedade e das pátrias ao critério quan-

titativo das maiorias e não ao critério qualitativo de hierarquias esclarecidas por nítida consciência de uma missão histórica.

Estuda-se hoje por dois motivos: ou para arranjar um meio de vida, ou pela simples paixão da ciência pela ciência, não da ciência como instrumento de uma finalidade superior. Os que vão à caça do diploma pelo primeiro motivo constituem geralmente a massa incaracterística do profisionalismo; os que se entregam aos estudos pela segunda razão, certamente que influem no progresso técnico, mas valem zero, zero e zero, no que respeita ao progresso moral da humanidade.

Ora, se os cientistas entendem que, sendo o cérebro o centro das actividades psíquicas, ele se atrofia sempre que não exerce as funções que lhe competem, devemos perguntar se os cientistas consideram

as actividades intelectuais relacionadas com as aspirações transcendentes, os nobres sentimentos do altruismo, o exercício das virtudes, a mística religiosa, numa palavra a vida interior da criatura humana como funções de algum outro órgão que não o cérebro?

Se essas actividades mentais pertencem também ao cérebro, e se elas forem suprimidas, forçosamente regista-se um *deficit* de função em prejuizo do desenvolvimento de alguma zona da massa encefálica, a menos que os cientistas nos provem que os pensamentos de ordem moral e as formas ideativas de ordem religiosa são secretadas pelo fígado ou pelo pâncreas...

Conseguintemente, mesmo do ponto de vista da fisiologia cerebral, parece-me que a instrução sem educação nada aproveita e quanto aos índices valorativos da personalidade, não temos a menor dúvida de que

isso a que chamam educação e que não passa de instrução sem objectivo moral, nada vale à mulher no sentido de prepará-la para cumprir a sua missão e defender os seus direitos. Antes, pelo contrário: a mulher ilustrada, mas sem formação moral e religiosa, torna-se mais incapaz do que uma camponeza analfabeta de defender os seus legítimos interesses tão intimamente relacionados com a sua honra. Levada por doentia curiosidade e cheia da presunção de que nada lhe acontecerá de mal, deixa-se levar muito mais fàcilmente do que os homens pela sedução do "algo novo" e pelo anseio das experiências pessoais.

O homem é mais tímido, confia menos em si próprio, opõe sempre reservas e restrições às teorias que o atraem; a mulher, mais impulsiva, ao mesmo tempo que cede aos primeiros estímulos da novidade, entrega-se, dá-se inteira, tanto ao bem como ao

mal, o que é uma condição mesmo da passividade inerente ao seu sexo.

A força, por conseguinte, mantenedora da personalidade na mulher há-de ser a sua formação moral e a formação moral só tem uma base segura: o sentimento religioso.

Entre os homens é possível encontrar-se ateus e materialistas que conservam o auto-domínio em relação aos costumes; mas entre as mulheres é raríssimo ver-se uma irreligiosa mantendo seguro teor moral. E isso não é sinal de inferioridade feminina, mas uma expressão do próprio sexo, isto é, o homem, em geral, fica no limiar das suas convicções, enquanto a mulher vai às últimas consequências.

Resumindo: o homem é menos lógico do que a mulher; a sua timidez inspira-lhe um espírito de conciliação entre a verdade ideal e a verdade pragmática, para usarmos

a linguagem de James. A mulher é inconciliável; para ela a verdade é uma só. Enfim, o homem transacciona com o ideal e o interesse, vai a duas amarras, dá-se pela metade; e a mulher não transige: ou tudo, ou nada. Não conhece, em religião, essa tortura humilhante do sexo chamado forte: o respeito humano. Se irreligiosa, vai às extremas conclusões. Por isso, a maior parte das mulheres intelectuais que não tiveram formação religiosa com que se defenderem dos erros, do nosso tempo, perdem o poder de reagir e, correndo atrás de uma liberdade ilusória, terminam caindo em degradantes formas de escravidão e de miséria. Se, portanto, para o homem, a ciência sem religião constitui uma infelicidade, para a mulher representa uma catástrofe.

A mulher pode e deve ser instruída. Como letrada, artista, cientista ou técnica,

se possui verdadeira vocação, prestará, tanto quanto o homem, relevantes serviços à sociedade. É imperioso, porém, que ela se lembre de que — acima da profissional — ela é uma criatura de Deus e *é mulher*. Fazer a doutora e esquecer a mulher é desvirtuar as leis da natureza que estabelecem a diferenciação dos sexos, assinalando ritmos específicos às condições da existência e do trabalho femininos. O certo é fazer da doutora, quando houver vocação para isso, um meio de ampliação dos poderes da mulher no desempenho do papel nitidamente diferenciado.

X

A MULHER E O CRISTIANISMO

A CIÊNCIA exige, em nome dos interesses da evolução da Espécie, a emancipação da mulher, a sua igualdade de direitos com o homem, a sua actuação no meio social, combatendo os costumes bárbaros que dela fazem um mero instrumento físico de prazer. Ora, o que os pensadores modernos agora proclamam como novidade é justamente o que há de mais antigo na religião cristã, pois se a mulher decaiu intelectual e moralmente, foi em consequência da concepção materialista da existência, que reanimou formas de vida do Paganismo, atingindo, com o naturalismo rousseauniano do

século XVIII, o tipo das figurinhas de Watteau, e com o evolucionismo do século XIX o tipo da fútil clientela da rua *de la Paix*.

Desde o Génesis está escrito que à mulher competiria esmagar a cabeça da serpente, isto é, do mal, cujas consequências são visíveis nas sociedades agnósticas ateistas e paganizadas de todos os períodos históricos, como vemos neste nosso catastrófico século.

O Evangelho começa com a actuação directa da mulher; a ela se dirige o arcanjo em nome de Deus; ela é a "cheia de graça" e o Senhor está com ela. Dias depois, vemos essa mulher lançar o primeiro manifesto de reivindicação social. Não foi um homem quem desfraldou a bandeira da revolução cristã, não foi mesmo o próprio Cristo; a primazia coube a sua Mãe, absolutamente consciente do papel que estava representando. Em casa de Isabel, havia um sacer-

dote. Era mais de esperar falasse ele comentando o grandioso facto da incarnação do Verbo, mas esse sacerdote (Zacarias, marido de Isabel) ficara mudo, desde que lhe aparecera o anjo junto ao altar. Nem José, esposo de Maria, nem Zacarias, o sacerdote, falaram. O diálogo é das duas mulheres e, dentre elas, sobreleva-se aquela que é a "cheia de graça". Suas palavras constituem verdadeiro manifesto. Anuncia que o mundo vai ser renovado; que os poderosos, os ricos, serão abatidos; que os pobres, os humilhados, serão erguidos; e termina afirmando que, por tudo isso, as gerações do futuro a chamarão bem-aventurada.

Ao desenvolver a sua vida pública, Jesus põe em pé de igualdade os homens e as mulheres. As esposas dos apóstolos acompanham-nos; o Mestre tem sempre ao pé de si, sua Mãe, suas parentes Maria

Salomé e Maria de Cleofas, e discípulas dedicadas como Joana de Chuza, Marta e Maria Madalena. A primeira revelação que faz da sua divindade é a uma mulher, a Samaritana; a única vez em que consentiu em ser juiz foi para impedir o apedrejamento da adúltera por homens que eram mais adúlteros do que ela, e só com isso Jesus mostra que os direitos e os deveres do homem são os mesmos da mulher, não podendo o homem condená-la se pratica também os crimes de que a acusa, numa sociedade corrompida e hipócrita. E quando, ensanguentado e arrastado a sua pesada cruz, é por intermedio de uma mulher que o Mestre faz o milagre de estampar a própria efígie num pedaço de pano, e a Verónica atravessa os séculos como o porta-estandarte da glória trágica do Cristo.

O Cristianismo, iniciando no mundo a revolução do "divino" contra o infra-

-humano, isto é, a reposição do Espírito do Homem no seu lugar de honra, iniciou lògicamente o reerguimento da mulher (7) e, de tal forma, que todas as vezes que se verifica um eclipse do cristianismo, acompanha-o a escravidão e a miséria moral da mulher.

Longe, pois, de contrariar os ideais da emancipação feminina de que a ciência se diz portadora, a religião de Cristo proclama-os e luta por eles.

XI

CONCEPÇÃO INTEGRAL DO HOMEM E DA MULHER

Se estamos de acordo com a conclusão científica de que a mulher deve realizar-se na sua plenitude biológica, pergunto: qual, então, o critério a adoptar-se no que concerne ao preparo da mulher para atingir a sua finalidade? Preliminarmente, temos de estabelecer, bem nítido, o conceito da mulher; em seguida, tornar bem claro o que entendemos por "igualdade", já que esta é a palavra mágica usada pelos propugnadores da sua emancipação.

A mulher, do mesmo modo que o homem, é um ser de tríplice expressão: física, intelectual e espiritual, ou ainda: económi-

ca, cívica e espiritual. Os adeptos do materialismo marxista tomam a criatura humana apenas sob o aspecto físico, ou económico, considerando as outras expressões como simples super-estruturas. Os agnósticos liberalistas consideram o ser humano ùnicamente sob o prisma das liberdades democráticas pouco se incomodando com as suas necessidades de ordem material ou espiritual. Seria, portanto, erro, de nossa parte, encarar apenas a expressão espiritual do género humano.

O homem e a mulher têm necessidades, aspirações, direitos e deveres tanto no que concerne à sua subsistência física, como à interferência na vida político-social e às aspirações religiosas. Dentro dessa tríplice concepção, a mulher é absolutamente igual ao homem, tendendo ao mesmo fim que ele, e tudo o que é lícito e bom para o homem, também é lícito e bom para a mulher ([8]).

Tão perfeita unidade de destino manifesta-se porém de forma diversa. "Desde o princípio" — disse o Divino Mestre — "Deus fez a humanidade homem e mulher". Ora, se não houvesse nenhuma diferença entre a mulher e o homem, além da diversidade orgânica, a natureza seria incompleta, porque a diferenciação física, para completar os fins indicados pela diversidade orgânica, precisa prolongar-se em funções e actos que são necessárias consequências e indispensável complemento daquela diferenciação tendente a realizar um objectivo comum

Por conseguinte, a mulher integral, a mulher que se realiza na plenitude biológica e espiritual, não é nem superior nem inferior ao homem: é diferente.

A igualdade, portanto, de direitos e deveres do homem e da mulher subordina-

-se aos impositivos de suas respectivas diversidades.

Segue-se, lògicamente, que o homem e a mulher são complemento um do outro, e assim como um não pode exercer o papel físico que ao outro cabe na Economia da Espécie, também não pode usurpar do outro funções sociais decorrentes da própria diversidade em que se define. Se tal ocorresse, a natureza não seria lógica, porque a si mesma se negaria nas consequências do fundamento biológico da diferenciação pre-estabelecida.

XII

MISSÃO MATERNAL DA MULHER

PARTINDO, pois, da diferenciação das funções físicas, chegamos à diferenciação das funções sociais. Quais são estas? São as que prolongam psicològicamente, as funções físicas. Ora, na mulher, a função física que a distingue do homem manifesta-se na maternidade. Lògicamente, toda a acção da mulher no meio social, desde os círculos da família até os mais amplos círculos da vida colectiva, tem de proceder daquela função.

Não importa que, em razão de qualquer motivo justo, ela não tenha filhos. Para ser mãe psicològicamente, familiarmente, so-

cialmente, intelectualmente, e até politicamente, não importa o ter ou não ter filhos. O essencial é que a acção da mulher no seu meio se exerça num sentido maternal. Nunca me esquecerei, a este propósito, de um dos mais belos sonetos da lingua portuguesa, escrito por uma religiosa carmelita em forma de carta ao seu pai, um grande historiador brasileiro. Esforçando-se pela conversão do progenitor, afinal conseguida, dizia-lhe a inspirada freira: "tu, que sendo meu pai me deste a vida, sê agora meu filho, renascendo para a vida imortal...".

Esses são os casos de maternidade psicológica, a qual coordena os sentimentos da mulher num sentido superior. E se assim não fosse, a natureza seria absurda, desligando a vida psíquica da sua base física. A mulher, portanto, mesmo solteira, tem espiritualmente, sentimentalmente, uma missão maternal. Essa missão exerce-se em

favor dos irmãos, dos sobrinhos, dos próprios pais, ou em benefício do meio social em que vive ([9]). "A função primordial da mulher, a sua inclinação inata é a maternidade" — disse S. Santidade o Papa Pio XII, recebendo em Outubro de 1945, três mil mulheres da Acção Católica. E acrescentou o Santo Padre: "Toda a mulher está destinada a ser mãe no sentido físico da palavra, ou, pelo menos, no mais espiritual e não menos real. O Criador ordenou para esse fim todas as qualidades do ser próprio da mulher: o seu organismo, o seu espírito e, sobretudo, a sua sensibilidade..."

No que toca à mulher com filhos, verificamos que as próprias condições da maternidade, obrigando-a a uma vida sedentária, pelo menos no tempo da gestação e do aleitamento e, depois, da própria vigilância da prole, são indicações de que a na-

tureza exige dela uma tarefa directamente ligada à existência da criança. Que tarefa é essa? Precisaremos gastar longas palavras para dizer que é a da educação dos filhos? Ou a natureza terá sido tão inepta, ao ponto de não completar o ciclo do fenómeno da procriação, apenas exigindo que a mulher tenha os filhos e depois os abandone, para ir entregar-se a ocupações que competem ao homem, como o granjeio do alimento e a defesa do lar?

Do mesmo modo como só um louco mandará amputar uma perna para usar outra de borracha, por ser esta tècnicamente perfeita e ter a vantagem de não sofrer de reumatismo, também louca será a sociedade que, pagando um salário insuficiente ao homem, obrigue a sua mulher a abandonar o lar, desviando-a do seu destino biológico e substituindo-a pelas creches e outras organizações, tão úteis e tão nobres para suprir-

faltas irremediáveis, porém anti-nacionais e anti-sociais, se se multiplicarem como regras e não existirem como excepções e, principalmente, se se organizarem para lançar a mulher na luta pela vida, podendo-se dessa forma pagar um ordenado de fome ao marido.

Só as sociedades governadas por um dos irmãos siameses, o capitalismo ou o comunismo, podem pretender substituir as mães pelas chocadeiras públicas, onde a criança se habitua ao ritmo uniforme das massas despersonalizadas e cresce sem nunca ter ouvido as cantigas de embalar, que sabem ao leite materno e aos afectos profundos que as frias organizações dos Estados jamais poderão infundir.

A maternidade não é apenas uma função física, porque é, principalmente, uma função moral; ela não termina com o nas-

cimento da criança, nem com o seu aleitamento, nem com os primeiros cuidados da idade pueril; ela continua, tem de continuar, por motivos religiosos e razões científicas, acompanhando os filhos na infância e na puberdade, na juventude e até mesmo em toda a vida, porque nenhum homem ou mulher há — a menos que seja um degenerado — que não precise, nos momentos mais graves, dos conselhos, dos estímulos, dos carinhos maternais.

Uma nação onde as mães não são mães, na plena significação espiritual do termo, também os filhos não serão homens e mulheres dignos; e uma sociedade constituída de tais elementos pode construir máquinas, arranha-céus e mil confortos técnicos, mas não constrói uma civilização.

XIII

O HOMEM DEPENDE DA MULHER

Como pode, entretanto, a mulher cumprir a sua missão educativa, se ela própria não foi educada? Como pode a mulher estimular as nobres vocações dos filhos, se ela desconhece o que é a vida norteada pelos ideais alevantados e iluminada pelas virtudes cristãs; se ela nunca ouviu, desde pequena, louvores aos actos que espiritualizam a existência humana, às atitudes de firmeza incorruptível, assumidas por mulheres e homens do seu meio ou da sociedade em que vive? Como pode admirar o que há de digno no marido, se no pai lhe não foi mostrado o que ele possuia em beleza de carácter

e capacidade de sacrifício pessoal pela manutenção de elevado teor moral? Como lhe será possível guiar os filhos, animando-os na carreira, se ela nunca prestou atenção às preocupações do marido, nunca se interessou pelas suas lutas e pelos seus ideais?

Compreende-se a esposa de um cientista que se desinteresse pela ciência, ou de um escritor que despreze a literatura, ou de um músico que não ame a música, ou de um político que se enfade ao ouvir falar das coisas públicas? Como haver harmonia no lar, se os esposos não se compreendem, se eles se casaram apenas pela atracção dos encantos físicos, sem que tenham nenhum liame espiritual a uni-los? Como pode a mulher, que desconhece o padrão das virtudes preclaras e o valor dos sacrifícios enaltecedores, apreciar os justos méritos do esposo e tirar deles motivos de ensinamentos a seus filhos?

Como pode a mulher preparar seus filhos para a vida pública, se ela ignora a história da sua própria Pátria, a grandeza dos heróis e a santidade dos santos? Como pode incutir os nobres ideais que, elevando os indivíduos, elevam as Nações, se ela só se preocupa com o luxo e o conforto, cuja mola é o dinheiro, e aponta, como exemplo aos filhos, não os homens mais honrados, porém os mais ricos? Como pode ensinar aos filhos a lição do trabalho, se ela própria é uma ociosa, que anda dos chás aos *cocktails*, e dos *cocktails* aos casinos, e dos casinos ao veterinário, e do veterinário à modista, e da modista ao *bridge*, sem que nada de útil e de produtivo demonstre, nem com a pena, nem com a agulha, nem com a própria palavra, já que a sua conversação habitualmente flutua à superfície dos assuntos banais?

Não, uma mulher assim, não será capaz de produzir filhos aptos a suster a queda deste mundo do século xx, que se esboroa apodrecido até às extremas raizes.

Se a mulher é, sob certos aspectos, um produto do homem, também o homem é um produto da mulher. Um homem é, geralmente, o que a sua mãe quis que ele fosse e muitas vezes o que a sua esposa quer que ele seja. "O menino é pai do homem", diz um provérbio chinês. E o provérbio evidencia a responsabilidade da mulher. Se a mãe não foi capaz de nobres ideais, o filho há-de ser um homem medíocre. Do mesmo modo, se a esposa não é capaz de compreender e estimular as virtudes do marido, ele acabará perdendo todo o interesse ou por ela, ou pelos padrões da vida moral que tenha porventura acalentado. A existência do homem neste caso, limitar-se-á a um auto-

matismo de peça de máquina no conjunto social. Tudo para ele serão os interesses imediatos e rasteiros. Submetendo-se a esse estalão de vida, de grosseiro utilitarismo, tornar-se-á incapaz de respeito por tudo aquilo que, nas sociedades espiritualizadas, merece culto comovido e reverente. E a mulher será a primeira que sofrerá as consequências desse desrespeito.

Nada mais evidencia os sinais dos tempos que vivemos do que as cenas que diàriamente assistimos nos eléctricos. A mulher do século xx é essa que vai a pé, enquanto os cavalheiros vão sentados, sem a mínima consideração nem pelos cabelos brancos das velhinhas, nem pelas condições especialíssimas das gestantes.

A quem cabe a culpa de tamanha descortesia? À própria mulher, que alienou a sua verdadeira força, que é a força moral. Com essa força ela podia contrapôr-se à

força física do homem e exercer a sua influência desde os círculos domésticos até aos amplos círculos da sociedade. Ainda pequeninos, os homens aprendiam, outrora, por várias formas e palavras, o que Filipa de Lencastre exigia de seu filho D. Pedro ao entregar-lhe a espada de cavalheiro, "encomendando-lhe a honra e o serviço das donas e donzelas". Então, as mulheres dispunham de uma força, que elas cultivavam, ensinando, desde o berço, os filhos a serem homens e não bonecos do bazar socialista, que se julgam em tudo iguais às mulheres...

XIV

O HOMEM DO NOSSO TEMPO

Os homens do século XX crêem, apenas na força bruta e toda a sua construção jurídica baseia-se no predomínio dos mais ricos e mais armados. No século XIX, os por si mesmos chamados "livre-pensadores" criticavam severamente os tempos em que os príncipes do mundo, apesar dos exércitos de que dispunham, submetiam suas contendas aos conselhos de um pequeno soberano, fraco materialmente, mas cheio da força moral que advinha da sobrenaturalidade da sua missão na terra. A essa atitude cavalheiresca dos monarcas e dos povos e a essa influência paternal do repre-

sentante máximo do Cristo, davam-se os nomes de fanatismo religioso, tirania papal e obscurantismo opressor da liberdade das nações.

Abolindo todo o princípio da moral cristã e expulsando Deus dos negócios humanos, os estadistas procuraram construir um sistema de relações internacionais fundado em abstracções jurídicas que se reduziam a fórmulas vazias de sentido por se contrapôrem às realidades práticas de uma época de utilitarismo e concorrência de ambições ferozes. Chegou-se a estabelecer belíssimas regras de paz e de guerra, firmando-se um direito que parecia indestrutível e erigindo-se uma justiça que parecia a última palavra da civilização. Mas os homens, no alvorecer do século XX, educados fora da lei de Deus, desabituaram-se de considerar o predomínio do "moral" sobre o "material", da realidade espiritual sobre a realidade física.

A força bruta interveio, interpretando o direito ao seu talante. Toda a construção jurídica internacional caiu por terra.

As tentativas para reerguê-la foram inúteis. Colocadas em pé de igualdade, sem nenhuma expressão de valor espiritual a elas sobrepostas, as nações trataram de fortalecer-se pelas armas, para impor, na assembléia dos povos, a sua própria hermenêutica.

Os canhões tornaram-se os exegetas dos tratados.

O desenvolvimento de tais circunstâncias levou o mundo à situação actual. A comunidade das Nações que parecia envergonhar-se de curvar a cabeça a um pequeno soberano, sem exércitos nem esquadras, mas cuja voz exprimia a palavra d'Aquele que traz consigo o segredo de toda a ordem universal, desde o átomo às estrelas, não se envergonha hoje de se deixar governar por

"três grandes" cuja autoridade se baseia no poder destrutivo de suas armas ([10]).

Não censuramos nem aplaudimos, nem entramos na apreciação da má ou boa fé desses "três grandes". O assunto não cabe no tema que serve de objecto a este trabalho. O que pretendemos pôr em evidência é este facto: o mundo, que rejeitou a Paz de Cristo, teve de submeter-se à Paz de César.

De tal forma a mentalidade do homem do século XX se encontra degradada, que esse facto assombroso, o da imposição violenta da ordem, o da condicionalidade do direito ao exercício interpretativo da força, não causa a mínima estranheza, mesmo ao espírito dos juristas.

Os homens do século XX não crêem na força moral. Nada mais lógico em gerações que nunca viram, desde o berço, o esplendor dessa força, a exercer-se por intermé-

dio da pessoa aparentemente mais fraca do lar: a mãe de família.

Nunca o menino — que agora é um jurista, um militar, um diplomata, um político — presenciou ou sentiu a manifestação desse poder, nem pelos actos, nem pelas palavras de sua mãe. Ela — preocupada ùnicamente com os deveres e prazeres mundanos, as comodidades da vida e o aprimoramento das *toilettes* — enisnou-lhe sempre, pelos actos e conversações, a moral do êxito.

Ganhar dinheiro, atingir posições — eis tudo. Os homens acomodatícios, que venderam a alma ao preço de um cargo ou de uma promoção; os protervos, que tomaram o partido dos potentados, ainda quando a justiça estivesse ao lado dos fracos; os traficantes das negociatas rendosas e os inócuos e incolores, para quem as opiniões sinceras são consideradas indesejaveis fontes de incómodos — esses constituiram os padrões da vida sensata, os exemplos edi-

ficantes com vastas exibições de teres e honrarias.

A história pátria era para o menino uma lenga-lenga de livros importunos e mestres maçadores. O catecismo, uma estirada que se decorava apenas como preparativo à fotografia com o lacinho de fita no braço, a nada obrigando. Os reis e heróis nacionais não passavam de uns sujeitos barbados cujos nomes se decoravam apenas para os exames. A religião não ia além das cerimónias com santos e velas, nada tendo com a vida particular das pessoas.

O menino verificou que só existia uma realidade: arranjar-se na vida. E como a mamã não lhe ensinou nenhum idealismo, ele adoptou o das fitas de cinema e o dos romances de aventuras. Assim, não sabe distinguir a coragem de um bandido da coragem de um santo. O heroísmo, para ele, era apenas uma proeza arrojada, sem outro objectivo senão a própria proeza.

Quando passaram esses sonhos da puberdade — consolidou-se o burguês materialista, sem raizes na tradição, nem consonância com a realidade viva da Pátria, nem interesse por um destino além da terra.

Esse tipo de homem do século XX é o produto da mulher do nosso tempo. Ele deve resolver os gravíssimos problemas do mundo que se vai construir depois da catástrofe, mas nenhum princípio doutrinário o orienta, nenhuma base moral lhe serve de alicerce, ignora o sentido da ordem divina em que se deve inspirar a ordem humana.

Nas escolas por onde andou, deram-lhe instrução, mas não lhe deram educação. O mal, entretanto, vinha de mais longe, porque esse homem teve fisicamente uma progenitora, mas, espiritualmente, é um filho sem mãe.

XV

NEM A MULHER-BONECA, NEM A MULHER-SOLDADO

Dois erros são correntes na civilização actual no que concerne ao papel da mulher: o dos que pretendem que ela seja um simples *bibelot*, um ser vivendo apenas em função da sua feminilidade física; e o dos que, no extremo oposto, querem que ela exerça todas as funções do homem na sociedade, desde as fábrica e os campos até ao exercício de certas profissões, que contrariam a sua natureza ([11]). Estes pretendem fazer da mulher um concorrente do homem, firmando como regra o que só como excepção deve ser tomado quando, por circunstâncias especiais, a mulher necessita

prover a própria subsistência ou a de seus filhos.

O serviço das mulheres nas fábricas, nos escritórios ou no comércio deve, evidentemente, ser permitido, desde que constitua o escudo que as preserva da miséria material e moral, e não um meio para perdê-las. Entretanto, precisamos sempre considerar o afastamento da mulher do lar, como evidente anormalidade biológica, pois partindo do fundamento da diferenciação física e do desenvolvimento dos filhos depois de nascidos, em ritmo muito mais lento do que nas outras espécies animais, temos de convir que a missão da mulher é, acima de tudo, a missão educativa da criança e disciplinadora da casa, numa palavra: a preparação das gerações futuras, a manutenção do tipo social mais conveniente à vitalidade da Espécie, aos destinos nacionais e às supremas finalidades do Espírito [12].

Como, pois, educar a mulher?

Formando o seu carácter, de modo que ela não seja nem a boneca de cabecinha vazia só preocupada com o luxo, a exibição, as futilidades de uma vida ociosa, nem também o ente desgracioso, de passo militar e atitudes masculinas, a aspirar a uma igualdade ridícula com o homem, uma igualdade de funções e não de direitos e deveres inerentes a diferenciações imprescriptíveis.

Não significa este nosso modo de ver que a mulher deva abandonar tudo o que se relaciona com os seus encantos, porque a mulher não tem apenas o direito, mas tem o dever de ser bela, de ser aprazível, de fazer realçar as suas graças e formosuras, cultivando todas essas delicadezas que só não compreendem as sociedades brutalizadas. O que pretendemos é que não seja essa a sua única preocupação, pois se assim procedesse limitaria o seu destino e não cum-

priria a missão que lhe compete, como complemento, não apenas físico, mas intelectual e moral do homem, sua cooperadora e consócia na vida da Família e da Nação.

Também, por outro lado, não devemos pretender, nos duros tempos de hoje, que a mulher deva ser circunscrita a uma atitude passiva e inerte, tornando-se incapaz de granjear por si mesma os meios de subsistência, nos casos em que se encontre — viúva, órfã, ou abandonada por um mau esposo — na contingência de assumir a chefia de um lar ou o comando de si própria. O que pretendemos é lembrar à mulher que a sociedade capitalista, baseada no liberalismo económico, essa sociedade sem alma, que desencadeia a concorrência em detrimento dos pobres e transforma o trabalho humano em mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura, utiliza-se dela, a mulher, como instrumento de exploração das massas obreiras, submetendo-a a salá-

rios incapazes da manutenção da subsistência, com gravíssimos prejuízos para o operário e o camponês, pais de família, e profundos danos morais para a própria mulher, obrigada, pela insuficiência dos ordenados, a buscar um suplemento no degradante comércio dos seus próprios encantos ([13]).

Animar, portanto, a luta entre a mulher e o homem no mercado do trabalho é favorecer o capitalismo sem alma e, ao mesmo tempo, fazer o homem perder, dia a dia, a noção da sua responsabilidade, como chefe da família, mantenedor da casa e servidor da esposa, em troca de tudo o que ela faz pela criação e educação dos filhos, pela ordem doméstica, pelo embelezamento do lar, pela elevação espiritual do matrimónio ([14]).

Enquanto a mulher é solteira, ou viúva, e não tem outros recursos, senão os do seu

trabalho, é lícito, é justo, é mesmo preciso que ela trabalhe para viver e, não podendo fazê-lo em casa, cumpre que o faça fora dela. Mas, mesmo a exercer funções em nada relacionadas com o seu verdadeiro papel, deve ter sempre em vista que está a preparar-se para cooperar com o homem, seja o esposo que pode um dia ter, sejam os filhos que cria ou vai criar, sejam aqueles que podem aproveitar dos seus ensinamentos e do seu exemplo.

Cumpre que ela faça do trabalho, no campo, na fábrica, no laboratório, no escritório, um meio de auto-educação, um meio de preparação para o exercício do papel de esposa ou mãe, pelo enriquecimento do saber e domínio de certas técnicas, pois esse é ainda um meio de ser mulher, mesmo desempenhando funções idênticas às do homem.

Um dia a rapariga, vindo a casar, poderá ser útil ao esposo, auxiliando-o nos seus trabalhos, participando conscientemente de suas preocupações particulares ou públicas e unindo-se assim mais intimamente ao espírito dele. Pode ser que a fortuna corra desfavorável ao casal, e a esposa terá de voltar ao labor extra-doméstico, para trazer o que falta à subsistência do lar, pois casos como esses são frequentes na desumana sociedade capitalista; pode ser ainda que a morte lhe roube o espóso, ou o pai — ou mesmo, pior do que a morte, as loucuras destes tempos de sensualidade e de egoísmo podem fazê-la perder esses sustentáculos na vida —; e, para todos esses casos, a mulher deve estar preparada e ser capaz de ganhar com virtude o pão de cada dia.

O preparo da mulher para todas as eventualidades é hoje um impositivo a que

não podemos fugir, nunca porém perdendo de vista que a mulher, biològicamente, foi feita para o lar e tem de dispender a sua energia num alto sentido moral e espiritual, porque dela depende o teor do carácter dos homens e mulheres de amanhã e será sempre ela, a mulher, quem dará o tom à sociedade do futuro e ao sentido da sobrevivência da Pátria.

A mulher do nosso tempo, a mulher do século XX, deve ser saudável e enérgica, desenvolvendo as suas faculdades intelectuais, aprimorando a sua resistência e a sua beleza corporal, mas nunca se esquecendo de que, sem o Espírito, ela nada vale.

Desenvolta, esportiva, semeadora de optimismo, deve ter a consciência de haver superado os tipos das meninas cloróticas da primeira fase romântica, que foi o resultado dos sonhos naturalistas da época

rocaille, assim como os tipos do *bovarismo* que as assinalou em forma diversa, ao alvorecer da fase industrial do século XIX, a reincidência das mesmas aspirações vagas e insensatas dos tempos lamartinianos ([15]).

Ultrapassadas as ingénuas Margaridas e as pálidas Mimis, que encheram o mundo de suspiros, desde os fins do século XVIII aos meados do século XIX; deixados para trás os figurinos estampados pelos escritores realistas, em cujas páginas o devaneio psicológico transformou-se no devaneio fisiológico, — a mulher moderna, para se adaptar à Era da Máquina e às realidades impositivas de um século que não admite senão as formas e o sentido de um seguro objectivismo, precisa evitar, a todo o transe, cair em novos devaneios que, sob as aparências de emancipação e liberdade, pretendem desviá-la da sua realidade natural e das realidades do nosso tempo.

No fundo, o que temos de combater é uma espécie de novo romantismo, sem os malmequeres do Fausto, sem a boémia dos tempos de Murger, sem o arsénico de Madame de Bovary, mas todo inebriado com as biografias sensacionais das estrelas do cinema e a ostentação brilhante das emancipadas.

Dentro do realismo cristão, a mulher encontra a fórmula higiénica da sua plena realização social, na euforia física e moral dos equilíbrios perfeitos do corpo e do espírito, sintonizados segundo os seus fins biológicos e os seus fins sobrenaturais e, portanto, preparada para enfrentar todas as circunstâncias e necessidades dos novos tempos ([16]).

É na doutrina do Evangelho e nos ensinamentos dela decorrentes, através do magistério da Igreja de Cristo, que a mulher achará o segredo da sua felicidade

e a direcção do seu verdadeiro destino, comum ao do homem na procura dos mesmos objectivos naturais e sobrenaturais, porém diverso na forma e no desempenho do papel que cabe a cada sexo.

XVI

MULHERES MASCULINIZADAS E HOMENS EFEMINADOS

Uma das lamentáveis consequências do facto de se não estabelecer distinção entre o homem e mulher, nos actos, maneiras e costumes, está em que a identidade de funções na vida social transfere-se ao ambiente doméstico e traz ao homem a convicção de que não precisa da mulher no lar. A escassez do tempo do casal (cada um preocupado com os deveres do emprego fora de casa) habitua o homem a exercer certos serviços do *menage*, como é hoje comum nas grandes metrópoles dos arranha-céus ([17]). Estabelece-se entre o homem e a mulher, não a interdependência, que

torna um cônjuge necessário ao outro, mas uma camaradagem que é sentimento absolutamente idêntico ao que se dispensam a pessoas do mesmo sexo. A co-educação, as promiscuidades e liberdades excessivas, hoje correntes nos estabelecimentos de ensino, na indústria, na burocracia e na vida social, tudo isso leva à desvalorização cada vez mais evidente da mulher.

"Erróneo e pernicioso à educação cristã" — Diz Pio XI na Encíclica "Divini illius magister" — "é o chamado método da co-educação, baseado para muitos no naturalismo negador do pecado original, e ainda, para todos os defensores desse método, sobre uma deplorável confusão de ideias, que confunde a legítima convivência humana com a promiscuidade e a igualdade invejadora". E pondera, em seguida: "O Criador ordenou e dispôs a convivência perfeita dos dois sexos sòmente na unidade do matrimónio e

gradualmente distinta na família e na sociedade. Além disso, não há na própria natureza, que os fez diversos no organismo, nas inclinações e nas aptidões, nenhum argumento de onde se deduza que possa ou deva haver promiscuidade, e muito menos igualdade na formação dos dois sexos. Estes, segundo os admiráveis desígnios do Criador, são destinados a completar-se mùtuamente na família e no meio social, precisamente pela sua diversidade a qual, portanto, deve ser mantida e favorecida na formação educativa, com a necessária distinção e correspondente separação proporcionada às diversas idades e circunstâncias."

Desabituada do carácter e missão que lhe são próprios, a mulher deixa de considerar o lar como o centro de sua actividade principal e ambiente de seu domínio afectivo; passa a viver mais na rua do que em

casa; não sente o delicado prazer da vida no remanso fecundo e cheio de misteriosos encantos do recolhimento doméstico.

Casando-se, a sua convivência com o marido limita-se aos encontros efémeros de um amor sem raizes, esse falso amor sobre o qual se constroem os castelos de cartas dos casamentos desgraçados. A mulher desvaloriza-se na indistinção dos sexos, e, em consequência, o homem rebaixa-se, perdendo o teor viril, porque nos países onde a mulher se masculiniza, o homem também se torna efeminado.

Postos o homem e a mulher nessas condições, só resta, como ligação de milhares de indivíduos sem elos morais entre si, a força coercitiva do Estado.

Extintos os deveres entre o homem e a mulher, entre os cônjuges e os filhos, entre os grupos familiar, profissional, comunidades locais e conjunto nacional, — desaparecem os direitos correspondentes, para só

imperar a ditadura sangrenta e absorvente da liberdade humana.

É o Estado Totalitário, onde desaparecem as personalidades no rebojo da massa colectiva. Eis a razão pela qual os adeptos do totalitarismo soviético começam o envenenamento das turbas pela propaganda de uma falsa emancipação da mulher, emancipação que a torna escrava, miseràvelmente degradada, desviada do seu destino natural, e finalmente arregimentada em batalhões de soldados, com o fusil na mão, ela fisicamente feita para ser a portadora da vida, e agora forçada a ser portadora da morte. O desvio do seu destino começa por essa moderna forma de romantismo que se baptizou com o nome de "feminismo" e que antes deveria chamar-se "masculinismo", e termina — após todos os cânticos à liberdade — com a anulação completa dessa mesma liberdade e a queda vertical até aos extremos da escravidão e da degradação.

XVII

ACÇÃO SOCIAL DA MULHER

O PROBLEMA da mulher em nosso século é o problema da mulher em todos os séculos. Se a moralidade devesse mudar em cada período histórico, o problema da mulher seria renovado em cada século. Entretanto, sob o império dessa moralidade imutável que o cristianismo nos ensina, a mulher, como o homem, devem executar certos trabalhos que variam conforme o tempo. E eis que chegados são os dias em que, para sustentar os ensinamentos do cristianismo, que desde o princípio do mundo foi a única religião a dignificar a mulher, cumpre que esta tome parte activa na grande batalha,

que já principiou, pela construção das sociedades de após-guerra.

Assim como é lícito, e até um dever, em certas circunstâncias, que a mulher trabalhe fora do lar para auferir com virtude os meios de subsistência, também é lícito e, mais ainda, imperiosamente necessário que ela exerça eficiente acção social e política ([18]) na defesa dos fundamentos da família cristã.

A sua acção social deve ser eminentemente educadora, tomando contacto com as massas populares, auscultando os anseios dos desafortunados e dos injustiçados, de modo a não permitir que as forças do mal se aproveitem das aflições dos infelizes como uma alavanca do materialismo que pretende destruir tudo o que seja dignidade humana. Influir maternalmente na solução das graves questões de assistência, como médica, enfermeira, educadora sanitária;

ser amparo e justiça em prol dos trabalhadores, não sòmente recompondo equilíbrios económicos, porém sobretudo recompondo equilíbrios morais; dedicar uma parte do seu tempo ao apostolado cristão e ao levantamento das energias da Pátria pelo culto das virtudes antigas e das preclaras tradições da honra nacional; comparecer às urnas, no exercicio do direito do voto que lhe foi concedido, para opor, com a sua firme deliberação, uma barreira às doutrinas perversas que, sob a capa de falsas reivindicações sociais, pretendem destruir o fundamento cristão da Nacionalidade; responder ao insensato "nós queremos" da turba inconsciente, com o "não podemos" expressivo da gloriosa resistência das Pátrias Cristãs resolvidas, a todo o transe, a sobreviver, — eis o panorama de uma acção nobilíssima e que não se pode juntar a mulher neste século.

Tudo isso lhe compete, e mais ainda: lutar contra as numerosas e frequentes tentativas de animalização do gênero humano, que se processa, hoje em dia, mediante uma literatura, um teatro, um cinema, uma pintura, uma escultura, uma arquitectura e uma música, que trabalham consciente ou inconscientemente pela obliteração de todo o equilíbrio e pela dissolvência completa das formas harmoniosas do pensamento e do sentimento humanos.

Vede que é enorme o campo que se oferece à actividade da mulher em nosso século e, trabalhando nesse campo, a mulher estará cooperando em pé de igualdade com o homem, sem precisar masculinizar-se, antes pelo contrário, exercendo de maneira eloquentíssima o seu papel feminino, porque a defesa da família e da Nação interessa directamente a própria liberdade da mulher, a qual se tornou escrava em todos

os tempos em que a Família desapareceu, a Religião entibiou-se e a Pátria sucumbiu na torrente das ideologias catastróficas.

Para serdes, Senhoras, tão grandes como foram as vossas antepassadas, naqueles tempos em que o grémio lusíada produziu os inolvidáveis heróis cujas figuras de cavaleiros, navegantes, estadistas, missionários, sábios, poetas, príncipes, monarcas e mártires da Fé, iluminaram as páginas da História Portuguesa; para estardes à altura das virgens e das matronas, monjas e rainhas que foram capazes de inspirar um sentido de vida tão alto como aquele que conduziu os descobridores de novos mundos e pioneiros de novas terras; para serdes no século XX as animadoras de uma Pátria Cristã, deveis ter sempre em vista que, acima de tudo, o destino da Mulher como o do Homem é atingir a *suprema perfeição do Espírito.*

O ideal último da vida humana — mesmo através da procura das justas aspirações temporais — é a santificação das almas ([19]). Se em tudo o que haveis de fazer puserdes o desejo ardente de vos tornardes mais puras e mais santas, as vossas actividades do século serão boas e nobres, úteis e generosas.

Santificando-vos, santificareis a família, o lar, a sociedade, a Nação, a Humanidade; o vosso exemplo multiplicar-se-á em frutos de verdadeira civilização.

Não vos atemorizeis no limiar desse novo mundo de após-guerra, em que incerta parece ser a sorte das criaturas humanas e particularmente a da mulher. Caminhai resolutamente para o futuro, mas levai, como as virgens prudentes do Evangelho, bem acesa, a luz da vossa Fé. E, como exemplo, guia e modelo, tomai — não os tipos de mulher configurados pelos ideólogos insen-

satos, mas Aquela que, entre todas é Bendita, a cheia de Graça, mulher do século I, que está presente em todos os séculos e quis ser também mulher do século XX, comparecendo entre vós, nas montanhas da vossa Pátria ([20]), a fim de vos transmitir a mensagem celeste da castidade e da caridade, as duas chaves da ordem divina e humana, com que se abrem as portas da felicidade na terra e no céu.

NOTAS

[1] "Ao chegarmos aos fins do século xx, o panorama intelectual brasileiro pode resumir-se da seguinte forma: uma zona de influência de Haeckel e dos monistas alemães; outra de influência positivista, esgalhando-se em duas seitas: a de Augusto Comte e a de Herbert Spencer. Do outro lado, a corrente espiritualista cristã, quase sem actuação no mundo da inteligência, vivendo mais pelo sentimento nacional do que pelo pensamento em acção. Para os idealistas neo-hegelianos pode dizer-se que ainda não havia lugar.

As grandes figuras do positivismo de Comte e de Litré eram Benjamim Constant de Magalhães, Silva Jardim, Miguel de Lemos, Teixeira Mendes, que exerceram poderosa influência, principalmente

no Exército, formando na Escola Militar, sob os olhos complacentes do Imperador, a mentalidade da geração que mais tarde fundou a República. O Brasil foi o único país do mundo onde o positivismo de Comte, além da filosofia e método pedagógico, constituiu-se em religião, instalando a sua igreja em que era praticado o ritual do culto da Humanidade.

Quanto ao monismo haeckeleano, foi divulgado principalmente por Tobias Barreto, que inaugurou na Faculdade de Recife o ensino do Direito segundo as teorias transformistas de Darwin, tão intimamente ligadas à concepção de Haeckel. Por outro lado, um amigo de Tobias, o professor Sílvio Romero, fez-se apóstolo do evolucionismo de Spencer, que ele aplicou na orientação dos estudos jurídicos, na Escola do Rio de Janeiro, e na crítica literária que exerceu com sectarismo intransigente.

Como consequência do predomínio de tais doutrinas, andavam na moda as filosofias afins e aquelas que lhes serviam de fonte: o kantismo, o spinozismo, o associacionismo de Stuart Mill, o utilitarismo inglês. Nas escolas superiores estavam banidas todas as doutrinas com base no sobrenatural. Mesmo antes da proclamação da República

e em plena vigência da união da Igreja com o Estado, união sob todos os pontos de vista nociva ao catolicismo, como se viu em 1870 com a prisão dos bispos de Olinda e do Pará pelo regalismo ao serviço das sociedades secretas, já a cátedra vinha sendo gradativamente conquistada pelos adversários da Religião. Nunca me esquecerei dos relatos que me fazia minha mãe de suas lutas como aluna da Escola Normal de São Paulo, querendo sustentar a fé que levara do lar, diante de professores como Silva Jardim, Cipriano de Carvalho, Júlio Ribeiro, João Pinheiro, Godofredo Furtado, todos positivistas, que impunham a classificação das ciências de Comte e exigiam rigorismo sectário nas definições e nos enunciados das leis físicas. Minha mãe soube resistir, conservar a religião e, mais tarde, transmitir-me a flama da sua fidelidade à crença dos nossos maiores, o que prova ser o lar, o primeiro e verdadeiro reduto das nacionalidades que não querem desaparecer, ainda quando um governo, como o da Monarquia brasileira, tenha aberto as portas do país, em nome de uma falsa liberdade, a todos os agentes de destruição da Pátria". — *"História breve da inquietação brasileira", do Autor.*

(2) O quadro oferecido pelo escritor de "A Mulher e a Sociogenia" é o seguinte:

Caverna do Homem Morto	109	cms.3
Esquimao	111	"
Neo-Caledénio	130	"
Chinês	135	"
Australiano	166	"
Bretão Gallot	173	"
Negro da África Ocidental	179	"
Basco espanhol	218	"
Parisiense contemporâneo	221	"

(3) Nada melhor evidencia a incapacidade do experimentalismo científico para ditar leis morais, que dependem, em última análise, de um conhecimento total do Universo e do Homem, do que as ponderações de Naegeli no célebre congresso de cientistas de Berlim (1874) onde estavam presentes entre outros, Virchow, Haeckel e Du Bois Reymond: "Nossos sentidos são organizados ùnicamente para responder às necessidades de nossa existência física e não para satisfazer nossas necessidades intelectuais. Eles não se fizeram para fornecer-nos o conhecimento de todos os fenómenos

naturais e esclarecer-nos a respeito deles. Se desempenham uma tal função é apenas secundàriamente. Não podemos, pois, admitir que as percepções dos sentidos abarquem *todos* os fenómenos da natureza. Do mesmo modo como não achamos senão acidentalmente, pode-se dizer, os fenómenos eléctricos, que residem nas partículas da matéria, assim é muito possível, muito verosímil mesmo, que existam ainda outras forças naturais, ainda outras formas de movimento molecular das quais não recebemos impressões sensíveis porque elas nunca se reuniram em grupos observáveis e, desse modo, ficaram ocultas para nós".

Como a completar o pensamento de Naegeli ("Les bornes de la science" em "Revue Scientifique", cit. por Lívio de Castro) Du Bois Reymond em seu discurso "Über die Grenzen des Naturerkennens"), ("Sobre os limites do conhecimento da natureza"), citado por S. S. o Papa Pio XII em alocução à Academia Pontifícia de Ciências (21-11-1943), declara crer que "devia existir uma fórmula universal mecânica, conhecendo a qual um génio universal ou *mente laplaciana* seria capaz de compreender plenamente tudo quanto ocorre no presente; e nada seria incerto para ele, apresen-

tando-se claro aos seus olhos tanto o passado sepulto como o futuro longínquo". Esta presunção é certo que encerra, como observou Pio XII, o postulado da "casualidade física fechada", pensamento expresso também por Henri Poincaré; mas o simples facto de Du Bois Reymond pressupor a existência de "uma fórmula", envolve, não sòmente a ideia de uma inteligência poderosa que teria criado e posto a funcionar aquela fórmula, como também demonstra que há verdades ou realidades que ultrapassam as percepções dos nossos sentidos. Embora sustentando o determinismo cego das causas físicas, sem admitir nenhuma intervenção, seja de Deus, seja do próprio homem, aqueles cientistas do monismo e do positivismo deixam, ao menos, bem evidenciada, a insuficiência da investigação experimental para atingir *todas as verdades.* É do alto dessa insuficiência, por eles próprios reconhecida, que os pensadores materialistas pretendem explicar o universo e ditar leis morais...

"A Ciência" — escreve S. E. o Senhor Cardeal Cerejeira em "A Igreja e o pensamento contemporâneo" — "não fornece uma *explicação integral* do Universo". Observação à qual acrescenta: "A Ciência não nos revela o *segredo* das coisas,

não nos diz tudo o que o Universo contém, nem o principal. Logo, não responde a todas as nossas aspirações, ou, como teria dito Pascal, "não satisfaz todas as nossas necessidades" — precisamente aqueles que importa ao homem saber para ser homem. Em suma, a Ciência "não é tudo o que há de essencial na razão humana", segundo uma expressão de Boutroux. Fazer da Ciência a expressão adequada do Universo é pôr inevitàvelmente o seguinte dilema: ou se condena a Ciência à bancarrota, pedindo-lhe o que por definição ela não pode dar, ou se mutila a natureza humana, deixando sem satisfação exigências mais imperiosas que a científica, o que é ainda uma maneira de bancarrota."

(4) "As organizações rudimentares se desenvolvem em instituições, os clans constituem províncias, ou numes, onde os primitivos emblemas familiares, sendo meros fetiches ou totens, tranformaram-se em divindade. Paralelamente, numa plana imediatamente inferior, os patriarcas se elevam a chefes de conjuntos de clans, depois a reis. Os numes se agrupam em reinos, primeiro múltiplos, depois concentrados, unificados sob um só monarca. Nesse momento inicia-se o período dinás-

tico e se escreve a História. A escrita esculpe já, nas pedras, os apelidos dos soberanos, as guerras, os grandes feitos politicos, as tradições, até então orais, as doutrinas religiosas. A Sociedade Humana transformou-se num "Estado". — *A. Moret, "Le Nil et la Civilisation Egyptienne".*

(6) "As Universidades e os estudos gerais não são de hoje nem de ontem; nasceram na Idade-Média, do seio e debaixo da protecção da Igreja. Também, às vezes, encontrareis então, erros heresias, teorias, anti-sociais; sem embargo, na atmosfera geral daqueles tempos, hoje com frequência tão denegridos, alteava o pensamento das concepções cristãs, mercê das Universidades, formadoras e directoras das mentes, e resplandecia o luzeiro daquela fé que não humilha os génios antes os faz maiores ante a verdade, a veracidade de Deus, que falou e que, na harmonia admirável da ciência da razão com a ciência divina, faz angélico o pensamento humano". — *Pio XII, Discurso aos universitários da Acção Católica Italiana, em 20-3-1941.*

Estas palavras, de Pio XII resumem uma realidade histórica do conhecimento de todos os homens verdadeiramente cultos, realidade apenas

contestada pelo sectarismo apaixonado dos inimigos da Igreja. Do resto, as acusações contra o "obscurantismo medieval "estão em contradição com o próprio determinismo dos materialistas, os quais exaltando os progressos da Renascença e tudo negando à Idade-Média, parecem acreditar que o movimento renascentista surgiu espontâneamente, sem ligação com o passado.

(6) "Vós buscais as leis que regem a síntese da natureza e do criador. E buscais o "porque" dessas leis, assombrados e emudecidos ante os movimentos da natureza, que se move e se agita em vossas mãos e em vossas cadeias, às vezes ameaçadora, com força indómita que não procede de vós. O génio, a vontade e a acção do homem com suas máquinas e seus instrumentos, não podem turbar a ordem da natureza. Podem revelá-la, como os médicos e os cirurgiões, com o bisturi, mostram o coração e o cérebro, os músculos e as veias, os mais íntimos segredos para descobrir, no corpo humano, os caminhos da vida e da morte e para ajudar a vida a afastar a morte". — *Pio XII, Discurso na Academia Pontifícia de Ciências, em* 30-11-1941.

(7) Só a paixão sectária pode negar o que representou a Religião de Cristo como reabilitação da mulher em todas as sociedades pagãs onde entrou a luz do Evangelho. Não existe um só historiador dos tempos antigos que não nos ofereça o quadro deplorável de costumes dentro dos quais a mulher, degradada e escravizada, não passava de um instrumento de prazer.

Se o Cristianismo, como dizem os inimigos do Divino Mestre, tivesse trazido para a mulher uma posição inferior à que ela desfrutava no mundo pagão, ou pretende desfrutar num mundo sem Deus, não teria havido tantas mulheres a trabalhar pela difusão do Evangelho nos primeiros séculos da nossa Era. Entretanto, são as mulheres, as mais das vezes, que convertem à Religião Cristã os homens do mundo greco-romano.

Os Actos dos Apóstolos estão cheios de mulheres. Basta acompanharmos as viagens e as epístolas dos apóstolos Pedro e Paulo. Em Listra, na Lisaconia, são duas mulheres, Loide e Eunice, os baluartes do Cristianismo; em Filipes, é uma mulher, a rica purpureira Lídia, a grande auxiliar de Paulo, cuja acção eficientíssima ressalta na História da Igreja nascente; ao lado dessa dama, tra-

balhavam, activas e incansáveis, Evodia e Sintiquia; em Tessalónica, segundo informa o autor dos "Actos", abraçaram a Fé "muitas mulheres nobres"; em Bereia, acrescenta, fizeram-se cristãs distintas mulheres; em Atenas, Dámaris, uma nobre mulher, faz-se propagandista do Cristo; em Corinto, aparece Priscila, mulher de Aquila, e esta exerce uma actividade notabilíssima em várias cidades do mundo greco-romano; em Antióquia, vemos as quatro donzelas, filhas de Filipe, que possuiam o dom da profecia; em Colossos, aparece-nos a dedicada Ninfa, em cuja casa se reunia a igreja local; em Roma, chega um dia a diligente Febe, com uma carta de Paulo, na qual dizia que ela estava ao serviço da Igreja de Cezareia, e na carta de que é portadora, entre as saudações que o apóstolo envia a muitos cristãos romanos, lá estão os nomes de várias mulheres: Trifena, Trifosa, Júlia, Olimpíades, Perside, "que há tanto tempo trabalha pelo Senhor", assim como Cláudia, referida na epístola de Paulo a Timóteo.

Todo o 1.º século está cheio de mulheres em acção evangelizadora, muitas delas recebendo a palma do martírio na sustentação da Fé. Por certo que não era a "escravização" que as atraía;

por certo que não era por uma religião que as aviltava, a sua dedicação integral, ao ponto de enfrentarem as feras no Circo e curvarem a cabeça ao cutelo do algoz. Ninguém as obrigava a serem cristãs; pelo contrário: era mais cómodo naquele tempo não aceitar uma crença que acarretava prisões, torturas e a morte. Entretanto, damas da mais alta estirpe abraçavam o Evangelho. Tudo deixavam para trabalhar para Cristo.

Só a insensatez pode dizer que o Cristianismo atenta contra a liberdade da mulher!

([8]) "Entre nós, não é lícito aos maridos o que não é permitido às mulheres e não consideramos em condições dissemelhantes obrigações que reputamos iguais". — *S. Jerónimo, Oper. t.* 1, *vol.* 455, *cit. na Encíclica "Arcanum Divinae Sapientiae", de Leão XIII.*

([9]) Na impossibilidade de pormenorizar todos os aspectos particulares das vocações e missões femininas, dentro de um trabalho cujas proporções deveriam cingir-se ao tempo máximo de duas horas, na conferência realizada no Teatro Trindade, o tema aqui tratado abrange o panorama geral do problema da mulher. O aspecto, entretanto, da vocação e da vida da solteira, à luz dos ensina-

mentos cristãos, está indicado e contido neste e em vários outros passos da conferência. Responde, assim, o autor, à gentil missivista anónima que lhe enviou a interessante colectânea "Vocação e carreiras femininas", cujo capítulo sobre a mulher solteira, escrito pela Exma. Senhora D. Maria Luísa Ressano Garcia é — como os outros daquele livrinho — digno de ser lido e meditado pelas raparigas de nosso tempo. Na verdade, Deus chama o homem e a mulher ao seu serviço, indicando-lhes, pela irresistível força da vocação, o estado em que se devem conservar e os meios de execução das tarefas de cada qual. O Evangelho é claro nesse sentido, ensinando Jesus, por suas próprias palavras, que, se o matrimónio é o estado normal, muitos há que o renunciam para servir a Deus de forma diferente. E acrescenta o Divino Mestre: "quem pode compreender isto; que compreenda". Os que podem compreender são os que foram chamados para aquela renúncia. Uma luz os ilumina: a Luz da Graça.

(10) Impressionante, a esse respeito, o discurso do Presidente Truman no recente 6 de Abril de 1946. Ele considera, em expressões dramáticas o duplo dever de autoridade e de humildade, que

compete aos homens de Estado da Nação norte--americana, pelo facto de ser esta a detentora dos mais poderosos meios de destruição. Aquilo que uma humanidade descristianizada não aceitou do cândido idealismo de Wilson, terá de receber pelos impositivos das máquinas de guerra. Mas vale a pena transcrevermos aqui um trecho de tão notável documento do nosso século:

"É para o futuro" — diz o estadista americano — "que devemos volver agora as nossas energias e os nossos pensamentos. O que será do Mundo no futuro Dia do Exército? O que será da Humanidade, na idade atómica em que estamos vivendo? Olhemos para o dia de hoje e para amanhã. Os factos são evidentes e creio que também o é o nosso caminho. Os Estados Unidos são hoje uma nação forte. Não há nenhuma outra mais forte. Isto não é verdade; é um facto que exige um pensamento sério e conveniente humildade.

"Isto quer dizer que com uma tal potência teremos de assumir a direcção e aceitar as responsabilidades. Seria uma falta trágica do nosso dever nacional e fé internacional se conscientemente, ou descuidadamente, nos permitíssimos estar mal preparados para cumprir essas responsabilidades.

Ainda teremos muito que fazer. Temos a intenção de permanecermos fortes."

Tais palavras constituem a extrema esperança da humanidade ameaçada por outras forças destruidoras sem nenhuma inspiração espiritual. Contra a força foi preciso erguer-se a força. Triste e trágico resultado da educação materialista que nos veio dos séculos precedentes, especialmente do século XIX...

(11) "A concepção da mulher-homem há-de desaparecer juntamente com a da mulher-brinquedo, prazer ou criança. Será então demonstrado, pela observação social e histórica, que a mulher é mulher". — *Mary R. Beard em "America through women's eyes", Macmillan, 1933, pág. 4, cit. por Alceu de Amoroso Lima em "Idade, sexo e tempo."*

(12) "Em primeiro lugar, é preciso dar ao operário uma remuneração que seja suficiente para o seu próprio sustento e o de sua família.

"Justo é, por certo, que o resto da família concorra segundo suas forças, para o sustento comum de todos, como acontece sobretudo entre

as famílias dos lavradores e também dos artífices e pequenos comerciantes; mas é um crime abusar da idade infantil e da debilidade da mulher. Em casa principalmente, ou em seus arredores, as mães de família podem dedicar-se a suas fainas sem deixar os cuidados do lar doméstico. Entretanto, é gravíssimo abuso, que com todo o empenho deve ser extirpado, que a mãe de família, por causa da escassez do salário do marido, se veja obrigada a exercer um ofício ou emprego lucrativo, deixando abandonados em casa seus peculiares cuidados e afazeres e, sobretudo, a educação dos filhos pequenos.

"É preciso, pois, empregar todo o esforço no sentido dos pais de família receberem um remuneração suficientemente ampla para que possam atender convenientemente às necessidades domésticas ordinárias. Se as circunstâncias presentes da vida nem sempre permitem fazê-lo assim, pede a justiça social que, quanto antes, se introduzam tais reformas, que a qualquer trabalhador se lhe assegure esse salário. Não será aqui inoportuno fazer os merecidos elogios a quantos, com sapientíssimo e utilíssimo conselho, têm experimentado e tentado diversos meios para acomodar a remu-

neração do trabalho aos encargos de família, de maneira que o aumento dos encargos corresponda ao aumento do salário e ainda, se for preciso, para atender às necessidades extraordinárias". — *Encíclica "Quadragesimo Anno", de S. Santidade o Papa Pio XI, em* 15 *de Maio de* 1931.

(13) É digno de transcrever-se aqui, pela exactidão de suas observações, o trecho em que Tito Lívio de Castro nos mostra a mulher na época industrial, que no seu tempo já principiava e hoje se encontra em pleno desenvolvimento. Ouçamo-lo:

"A mulher actual, considerando-se a maioria do sexo, não vive na família, no lar: vive no trabalho, que começa para ela, depois de muitos séculos de inacção. Empregada no trabalho, ao lado do homem, porque as necessidades sociais vão obrigando-a a isso, a mulher falseia as relações do salário com a oferta e agrava o problema social. Impelida repentinamente da vida passiva do lar para a conquista do pão quotidiano, de instante a instante mais caro, a mulher aceita um contrato viciado pela má fé, impossível de justificação; recebe um salário insignificante e comerceia com o

sexo para manter a existência. *Não é sòmente a ociosidade, como até aqui se repetia, é o trabalho, ou pelo menos a ociosidade no trabalho, que alimenta a prostituição.* O homem do trabalho mal remunerado protesta em nome do seu estômago; a lucidez da fome indica-lhe os defeitos e erros do seu contrato. A mulher que trabalha não vê esses defeitos ou, se os vê, não descobre o remédio próprio; recorre aos meios para ela mais fáceis, meios sobre os quais o industrial baseou seus cálculos. O operário associa-se, e procura melhor meio de defender seus interesses; se se deixa agora arrastar pelas ilusões do socialismo e é vítima de uma ideia inconsiderada, logo, mais instruído, mais educado, pesa melhor as causas de suas dificuldades, compreende melhor a vida e as leis económicas e organiza a cooperação. A mulher não chega a esse resultado; a fome não lhe produz a lucidez, porque para evitar a fome, ela especula com os seus atributos sexuais."

Guyot, em "La science économique" (cit. por Tito Lívio de Castro), escreve: "Certains ouvrières comptent non seulement sur le travail du jour, mais encore sur la débauche du soir; le patron cyniquement fait son calcul et est amené, par la force des

choses, à se dire: Je sais bien qu'avec le prix que je donne à mes ouvrières elles ne peuvent pas vivre sans se créer des ressources par ailleurs. Mais cela ne me regard pas". E Guyot acrescenta, com a sua mentalidade de homem do século XIX, convencido de que a ciência seria mais capaz de resolver o problema do que a religião: "Je voudrais que toutes les jeunes filles fussent pénétrées de cet argument économique; il vaudrait mieux pour elles que tous les arguments réligieux, qui juqu'à présent ont abouti aux résultats que nous connaissons".

Certos na crítica, errados na conclusão; porque justamente a falta de uma educação religiosa no lar é que desarma a mulher na luta pela vida...

(14) Vale a pena transcrever aqui estas palavras de S. Santidade o Papa Pio XII aos recém-casados, em Março de 1942:

"É certo e fora de dúvida que, para a felicidade do lar doméstico, a mulher pode mais do que o homem. Corresponde a parte principal ao marido em assegurar a subsistência e o futuro das pessoas da casa, nas determinações que envolvem esse futuro; mas, em troca, à mulher competem aqueles mil, porém delicados pormenores, aquelas

imponderáveis atenções e cuidados diários, que são os elementos da atmosfera interior de uma família e que, segundo procedam rectamente ou, ao contrário, se alterem ou faltem, fazem tal atmosfera sã, fresca e confortável, ou pesada ,viciada e irrespirável. Entre as paredes domésticas, o trabalho da esposa deve sempre ser o labor da mulher forte, tão exaltada pela Sagrada Escritura; da mulher à qual o esposo confia o seu coração e que o devolverá bem, e não mal, para todos os dias de sua vida."

E, a respeito do lar, no mesmo discurso:

"Não digais que materialmente o lar existe desde o dia em que as mãos, depois de haver mùtuamente colocado o anel nupcial, juntaram-se e os recém-casados vivem debaixo do mesmo tecto, em sua casa, grande ou pequena, rica ou pobre. Não; não basta o lar material para o edifício espitual da felicidade. É necessário elevar a matéria a um ambiente mais respeitável e fazer surgir do fogo a chama viva e vivificante da nova família". E mais adiante: "Quem criará, então, pouco a pouco, dia a dia, o verdadeiro lar espiritual, senão o trabalho espiritual daquela que veio para ser "senhora da casa", daquela a quem se confia o

coração do esposo? O marido poderá ser operário, agricultor, profissional, homem de letras ou de ciência, artista, empregado ou funcionário; em todos os casos é inevitável que seu trabalho se exercite a maior parte do tempo fora de casa, ou quando em casa, permaneça isolado e em continuado silêncio no seu gabinete, que escapa à vida da família. Para ele, o lar doméstico será o lugar seguro onde, ao fim do trabalho diário, restaurará suas forças físicas e morais, no repouso, na calma e na alegria íntima. Para a mulher, ao contrário, ordinàriamente, esse lar será sempre o refúgio e o ninho do seu labor principal, daquele trabalho que, pouco a pouco, fará deste retiro, por pobre que seja, uma "casa" de alegre e tranquila convivência, embelezada, não com mobílias ou com objectos, como um hotel, sem estilo, sem selo pessoal nem expressão própria, mas com recordações, que deixam sobre os móveis ou fixam nas paredes a memória da vida vivida em comum, os gostos, os pensamentos, as alegrias e as mágoas comuns, traços e sinais, às vezes visíveis, algumas vezes quase imperceptíveis, mas dos quais, com o correr do tempo, o lar material tirará sua alma. No entanto, a alma de tudo será a mão e a arte feminina; com

elas a esposa fará atraente todos os recantos da casa, se não com outra coisa, pelo menos com o cuidado, com a ordem, com a limpeza, com o ter preparado ou preparar tudo o que for preciso no momento oportuno: o manjar para recompor as forças, o leito para o descanso. À mulher, mais do que ao homem, concedeu Deus o dom, com o sentido da graça e do agrado, de fazer lindas e agradáveis as coisas mais sensíveis, precisamente porque ela, feita semelhante ao homem para formar com ele a família, nasceu para derramar a gentileza e a doçura no lar de seu marido e fazer que a vida dos dois se harmonize e se afirme fecunda e floresça em seu real desenvolvimento".

(15) Demos a palavra a Tito Livio de Castro nesta página forte, em que visiona, com terrível pessimismo, o futuro da mulher no século XX:

"Quando o industrialismo invadir todos os recantos, quando a contração muscular não tiver o mínimo valor ao lado da massa de músculos de aço, músculos que não cansam, não sentem, não sofrem; quando a habilidade feminina na confecção de certos objectos for um ensaio risível ao lado do trabalho bem acabado, de precisão infalível, da

"inteligência automática", das operações mecânicas, que fará a mulher obrigada a viver? Viver de que, se não tiver posses? Viver, de que modo, se tiver meios de existência? A mulher será uma inutilidade; não terá uma ocupação senão quando ameaçada pela fome, e não terá um meio de vida quando nascida na pobreza. Inútil pelo cérebro, inútil pela musculatura, inútil pela habilidade, inútil pela força, que fará ela? Para a pobre, isto é, para a maioria, porque a riqueza é um acidente em relação ao número dos pobres, a vida será a miséria, a morte fora da prostituição, a morte na prostituição. Para a que, por um feliz acaso, tenha nascido na atmosfera da opulência, a vida será a monotonia estupenda da ociosidade constante, a eternidade de minutos sempre idênticos. Essa criatura anencéfala, separada da mentalidade masculina pela imensa diferença de sua organização, *NÃO COMPREENDERÁ A VIDA INTELECTUAL DO MARIDO, NÃO INFLUIRÁ DE MODO ALGUM PARA A ACTIVIDADE E UTILIDADE DELE, NÃO TERÁ UM MEIO EM QUE SE EMPREGUEM AS ENERGIAS DO SEU ORGANISMO.* Para ela, a vida será a monomania sexual, viver pelo homem e para o homem, viver pelo sexo e para o sexo,

viver para uma função, viver para ser menos do que um organismo, para ser um órgão."

Ao que acrescenta o autor de *A Mulher e a Sociogenia*:

"Por todos os motivos, a educação da mulher se impõe sempre como uma necessidade; é um interesse geral. O estado actual é insustentável. A educação feminina actual (chamamos educação por falta de um termo apropriado) é nociva, imensamente nociva à sociedade. O romantismo, que sobrevive, compromete o futuro da Espécie pedindo para a mulher "o ideal", a "utopia" o "sonho". São esses os alimentos de que se nutre a inteligência feminina e é a isso que se pretende chamar educação. Holyoake disse do socialismo: "L'état socialiste promet un droit, il donne un boulet quand vous le demandez". O romantismo é assim. Ele educa (em falta de outro termo) para o ideal, quando só pode dar a realidade". E conclui: "Protestamos contra os que se iludem e iludem os outros".

Não há mais acerba crítica à propaganda da falsa liberdade com que se procurou, nos fins do século XIX, atrair a mulher para a sua própria ruína, propaganda que em nossos dias assume propor-

ções catastróficas. O de que se esquece o autor dessa página severa é que a educação por ele tão condenada constitui exactamente a que a Igreja Católica também reprova como desvirtuadora da missão e dos fins da mulher. Se os materialistas quisessem dar-se ao trabalho de ler os doutrinadores da verdadeira moral cristã...

([16]) Nada pode ser mais grato ao autor deste trabalho do que, apresentando como opinião de uma jovem do século XX sobre o problema da mulher, transcrever aqui um trecho de carta de sua filha, Maria Amélia Salgado Loureiro, residente em S. Paulo, Brasil. Por essa missiva, além do que ela regista como preocupação dominante nos países da América, notadamente nos Estados Unidos, sente-se que as novas gerações já começam a reagir contra os falsos modernismos, optando por conceitos mais novos e tão realistas como oportunos. Assim se exprime a missivista: "...Apreciei muitíssimo, meu querido Pai, a síntese da sua conferência sobre *A Mulher no Século* XX. Realmente, neste mundo atormentado em que vivemos, nada de mais palpitante oportunidade do que essa tese: qual o verdadeiro papel da Mulher? Outro

dia, interessada por um caso complicado de desquite que veio ter às mãos de meu marido, como advogado de uma das partes, folheei, por curiosidade, vários compêndios sobre o assunto. Li muitas páginas do Tratado do Direito Romano de Savigny, a História do mesmo Direito, de Ihering, travei conhecimento com Maynz e Van Wetter e, passando ao Direito Civil, li os interessantes comentários dos nossos Clovis Bevilacqua, Carvalho Santos, Bento Faria e Tito Fulgêncio. Verifiquei, em todos, o papel relevante e vital que cabe à mulher, sendo ela, como é, a célula primeira da instituição familiar, a qual, por sua vez, é o esteio do Estado e por conseguinte da Sociedade. Ora, daí se conclui que toda a ordem social repousa nos ombros fragílimos das descendentes de Eva.... De facto, se atentarmos bem, veremos que a influência da mulher é a mesma em toda a parte. Em todos os países, os costumes, as maneiras e o carácter do povo dependem dela. Quando é depravada, a sociedade é depravada; e quando é pura e moralmente ilustrada, mais pura e mais ilustrada será a sociedade. A História é pródiga em atestar semelhante assertiva. Basta, para isso, lançarmos os olhos sobre o espectáculo pungente que foi o

naufrágio da civilização greco-romana. E tudo por quê? Pela "liberdade" de costumes. Pelo aniquilamento das santas virtudes femininas. O problema é por demais complexo, eu sei. Para mim, segundo verifico desde Fustel Coulanges em sua *A Cidade Antiga*, até Lin Yutang em *Minha Terra e meu Povo*, e o brilhante P. Coulet em seu magnífico livro *O Problema da Família na Sociedade Contemporânea*, o aspecto primordial, o mais importante do problema, é conservarmos, a todo o transe, a pureza feminina. De resto, desde as mais remotas eras, notamos essa preocupação constante: manter, por todas as formas, o lar puro. E neste nosso mundo louco, o que vemos? Os que ainda tentam reagir contra esse cancro que se chama "liberdade de costumes", que vai minando, aos poucos, o organismo social, serem taxados de "demodés", atrazados, fora da época. Nota-se, porém, depois desta guerra, uma reacção que começa contra a malssã concepção da mulher poliandra. E sabe onde fui encontrar os indícios dessa reacção? Na América do Norte. Sim, na América do Norte libérrima e super-progressista, que tanto concorreu com o cinema, voluntária ou involuntàriamente, como bem afirma o Senhor,

para a "obliteração de todo o equilíbrio e para a dissolvência de todas as formas harmoniosas do pensamento e do sentimento humanos". Esses indícios salutares encontrei em dois artigos: "Em Defesa da Castidade", pela senhora Margaret Celkin Banning e "Minha Defesa da Castidade", por Denal Culress Peattie. O que estarão sentindo e percebendo os americanos? Em conclusão: a notícia da sua conferência chegou justamente no momento em que me tinha apaixonadamente entranhado no estudo da missão da mulher. Por isso, grande foi o meu interesse em ler os vários recortes, sentido, sòmente, que fosse tão pequeno o resumo e ansiando já por que o Senhor nos remeta, em breve, a conferência na íntegra".

(17) "Não é acaso uma verdade antiga e sempre nova — verdade ligada até às condições físicas da vida da mulher, verdade inexoràvelmente proclamada, não só pela experiência dos séculos mais remotos, mas ainda pela mais recente de nossa época de indústrias devoradoras, de reivindicações igualitárias, de concursos desportivos — que a mulher é quem faz o lar e a ela compete o seu cuidado, e o homem jamais poderá supri-la

nisso? É a missão que a natureza e a união com o homem lhe impôs, para bem da própria sociedade. Arrastai, atraí a mulher, para fora e longe de sua família com as seduções de uma das muitas coisas que rivalizam entre si para vencê-la e subjugá-la; vê-la-eis abandonar o seu lar; sem esse fogo, o ar da casa se esfriará; o lar deixará pràticamente de existir e se transformará num precário refúgio de algumas horas; o centro da vida diária se deslocará para ela, para o marido, para os filhos. Por conseguinte, quer se queira ou não queira, para a pessoa casada, homem ou mulher, que esteja firme na resolução de permanecer fiel aos deveres do seu estado, o formoso edifício da felicidade não pode levantar-se senão sobre o alicerce da vida de família". — (*Da alocução de S. S. o Papa Pio XII aos recém-casados, em Março de* 1942).

(18) "Por isso, a sua fina sensibilidade põe-na em alerta quando o homem social e político ameaça perturbar a sua missão maternal e o bem da família. Tais são hoje, por desgraça, as condições sociais e políticas, que poderiam ser ainda mais incertas para a santidade do lar e para a dignidade da mulher.

"A vossa hora soou. A vida pública tem necessidade de vós". — (*Da alocução de S. S. o Papa Pio XII, em 21 de Outubro de 1945, a três mil mulheres da Acção Católica*).

(19) Falando, há tempos, numa comemoração do Condestável, o Autor pronunciou as seguintes palavras, que julga oportuno aqui inserir:

"Ensinou-nos Nun'Álvares que o supremo destino da criatura humana está em Deus; que as riquezas mais ricas, e as glórias mais gloriosas, e o poder por mais poderoso que seja, não passam de bens passageiros, que terminam bem depressa, cumprindo-nos, portanto, fazer deles instrumento de trabalho com que servir Aquele que constitui o Bem que não acaba. Lutar pela Pátria, lutar em prol da comunidade, infatigàvelmente, é digno e belo; mas fazer dessa mesma luta o cilício de nossa alma, o meio de santificação, é ainda mais belo. Porque existe, além das muitas formas de santidade, uma que poderemos chamar "santidade política", e essa conhecem os que sofreram, pela felicidade pública, os agravos do tempo e as injúrias

dos homens, que afinal são também, uns e outros, passageiros como os bens, já que tudo passa na terra e tudo é eterno no Céu."

([20]) Referência à aparição de Nossa Senhora, em Fátima.

ÍNDICE

O AUTOR ÀS LEITORAS 7

1 — *PERGUNTA DO SÉCULO XX* 11

2 — *A ESFINGE-MULHER* 17

3 — *A MULHER É MEDIDA, PESADA E COMPARADA* 25

4 — *ABRAMOS UM PARÊNTESIS* 29

5 — *A MULHER E A CIVILIZAÇÃO NATURALISTA* 33

6 — *FALSOS ARGUMENTOS DOS CRÍTICOS MATERIALISTAS* 39

7 — *DA IDADE-MÉDIA À RENASCENÇA* 43

8 — *A CIÊNCIA DO BEM E DO MAL* 47

9 — *INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO* 55

10 — *A MULHER E O CRISTIANISMO* 63

Índice

11 — *CONCEPÇÃO INTEGRAL DO HOMEM E DA MULHER* 69

12 — *MISSÃO MATERNAL DA MULHER* 73

13 — *O HOMEM DEPENDE DA MULHER* 79

14 — *O HOMEM DO NOSSO TEMPO* 85

15 — *NEM A MULHER-BONECA, NEM A MULHER-SOLDADO* 93

16 — *MULHERES MASCULINIZADAS E HOMENS EFEMINADOS* 105

17 — *ACÇÃO SOCIAL DA MULHER* 111

NOTAS 121